



# CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

**Lorena Lima**  
24 anos  
Feminicídio. O acusado era ingulino da família e a assediava constantemente.

**Dayane Givnetty**  
27 anos  
Tentativa de assassinato.

**Regina (nome fictício)**  
26 anos  
Violência doméstica.

**Patricia D. (nome fictício)**  
28 anos  
Estupro.

**Bárbara Richardelle**  
18 anos  
Assassinada, pelo ex-namorado, após fotos sensuais vazarem na internet.

**Milena Abreu de Moura**  
18 anos  
Tentativa de feminicídio pelo ex-namorado com um facão.

**Ana Clara Cabral**  
19 anos  
Assassinada a tiros. Namorado PM é o principal suspeito.

**Andreia M. (nome fictício)**  
23 anos  
Abuso sexual na infância.

**Jessica Trianoski**  
26 anos  
Feminicídio.

**Cláudia da Silva Ferreira**  
38 anos  
Chacina de Campinas, 2016. 12 mortos, 9 mulheres. Vingança e crime de ódio contra mulheres.

**Carla Fernandes Cunha**  
20 anos  
Assassinada a tiros pelo ex-namorado.

**Jessica Trianoski**  
26 anos  
Feminicídio.

**Vilma Maria da Costa**  
42 anos  
Feminicídio. Assassinada pelo ex-namorado.

**Nelly Cristina Venite de Souza Maria**  
27 anos  
Feminicídio. O acusado era ingulino da família e a assediava constantemente.

**Milena Dias**  
10 anos  
Estuprada e assassinada.

**Vasti Stóffel Faúla**  
34 anos  
Assassinada, após fotos sensuais vazarem na internet.

**Maria (nome fictício)**  
44 anos  
Estupro, tentativa de feminicídio, ameaças e cárcere privado.

**Marielle Franco**  
38 anos  
Vereadora assassinada, a principal hipótese é pelas denúncias contra as milícias no RJ.

**Cláudia da Silva Ferreira**  
38 anos  
Levou um tiro e foi arrastada por um carro da PMRJ por 350 metros.

**Patricia Koike**  
20 anos  
Assassinada por asfixia pelo namorado.

**Carla Fernandes Cunha**  
20 anos  
Assassinada a tiros pelo ex-namorado.

**Maria C. (nome fictício)**  
32 anos  
Tentativa de estupro pelo avô.

**Dayane Givnetty**  
27 anos  
Tentativa de assassinato e tentativa de estupro pelo ex-namorado.

**Regina (nome fictício)**  
26 anos  
Feminicídio. O acusado era ingulino da família e a assediava constantemente.

**Dayane Givnetty**  
27 anos  
Tentativa de assassinato.

**Regina (nome fictício)**  
26 anos  
Violência doméstica.

**Patricia D. (nome fictício)**  
28 anos  
Estupro.

**Bárbara Richardelle**  
18 anos  
Assassinada pelo ex-namorado, após fotos sensuais vazarem na internet.

**Milena Abreu de Moura**  
18 anos  
Tentativa de feminicídio pelo ex-namorado com um facão.

**Ana Clara Cabral**  
19 anos  
Assassinada a tiros. Namorado PM é o principal suspeito.

**Andreia M. (nome fictício)**  
23 anos  
Abuso sexual na infância.

**Denise Stella**  
31 anos  
Assassinada pelo amante por não querer abortar.

**Chacina de Campinas, 2016**  
12 mortos, 9 mulheres  
Vingança e crime de ódio contra mulheres.

**Patricia Koike**  
20 anos  
Assassinada por asfixia pelo namorado.

**Vilma Maria da Costa**  
42 anos  
Feminicídio. Assassinada pelo ex-namorado.

**Nelly Cristina Venite de Souza Maria**  
27 anos  
Feminicídio. O acusado era ingulino da família e a assediava constantemente.

**Maria (nome fictício)**  
44 anos  
Estupro, tentativa de feminicídio, ameaças e cárcere privado.

**Milena Dias**  
10 anos  
Estuprada e assassinada.

**Vasti Stóffel Faúla**  
34 anos  
Assassinada tentando proteger o namorado.

**Marielle Franco**  
38 anos  
Vereadora assassinada, a principal hipótese é pelas denúncias contra as milícias no RJ.

**Marielle Franco**  
38 anos  
Vereadora assassinada, a principal hipótese é pelas denúncias contra as milícias no RJ.

**Andreia M. (nome fictício)**  
23 anos  
Abuso sexual na infância.

**Patricia Koike**  
20 anos  
Assassinada por asfixia pelo namorado.

**Carla Fernandes Cunha**  
20 anos  
Assassinada a tiros pelo ex-namorado.

**Maria C. (nome fictício)**  
32 anos  
Tentativa de estupro pelo avô.

**Louise Ribeiro**  
20 anos  
Assassinada por envenenamento e queimada.

**Denise Stella**  
31 anos  
Assassinada pelo amante por não querer abortar.

**Chacina de Campinas, 2016**  
12 mortos, 9 mulheres  
Vingança e crime de ódio contra mulheres.

**Vilma Maria da Costa**  
42 anos  
Feminicídio. Assassinada pelo ex-namorado.

**Nelly Cristina Venite de Souza Maria**  
27 anos  
Feminicídio. Assassinada com 16 facadas. Namorado é o principal suspeito.

**Milena Dias**  
10 anos  
Estuprada e assassinada.

**Vasti Stóffel Faúla**  
34 anos  
Assassinada tentando proteger o namorado.

**Andreia M. (nome fictício)**  
23 anos  
Abuso sexual na infância.



# PELA VIDA DAS COMPANHEIRAS

REALIZAÇÃO:



[WWW.PJ.ORG.BR](http://WWW.PJ.ORG.BR)



PJNACIONAL



PASTORALDAJUVENTUDE



Central de Atendimento à Mulher



## *Oração Oficial da Campanha* **Celebrar a Felicidade da Libertação**

Ó Deus-amor que, por meio de seu filho Jesus Cristo, viveu a radicalidade da opção por vida em abundância para todas e todos, sobre em nós, pela divina Ruah, o desejo de viver formas de superação aos ciclos de violência contra as mulheres. Pai e mãe de bondade, que ousa sonhar conosco a utopia da Civilização do Amor, desafie-nos a ter atitudes concretas que levem à reflexão aqueles que ainda são agentes das opressões que nos afastam do Reino. Ensina-nos a ouvir com amor, dando-nos coragem e empatia para acolher as vítimas das violências. Faça que, através de Ti, aprendamos a soprar com cuidado a força criadora e criativa necessária para o processo de cura.

Que nós, juventude(s) do Brasil, tendo como inspiração seu Evangelho e tendo como instrumento a Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência Contra a Mulher, atuemos como entusiastas incentivadoras/es de relações não competitivas entre as mulheres, auxiliando a promover em abundância a sensibilidade e ternura que Sua palavra anuncia. Que Ruah sobre nos cantos do país para que, em Jesus Cristo, possamos celebrar a felicidade anunciando a libertação plena a todas as realidades do 'ser' mulher. Assim como nos inspira a força do sim de Maria, a Lealdade de Rute e Noemi, e na determinação de Ester não descansemos até encontrar essa felicidade.

*Amém. Axé. Awerê. Aleluia.*

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b>	<b>5</b>
<b>Como chegamos até aqui?</b>	<b>6</b>
<b>Identidade Visual</b>	<b>10</b>
<b>Como falar da Campanha?</b>	<b>11</b>
<b>Como se ligar ao tema?</b>	<b>17</b>
<b>O que fazer quando identificamos que uma violência contra a mulher está acontecendo?</b>	<b>20</b>
<b>O que nós podemos e devemos fazer para nos mobilizarmos contra a violência?</b>	<b>22</b>
<b>Como planejar as ações?</b>	<b>25</b>
<b>Como conduzir a conversa?</b>	<b>28</b>
<b>RODA: Conhecer e superar os ciclos de violência;</b>	<b>28</b>
<b>RODA: Legislação e parceria de proteção à mulher;</b>	<b>33</b>
<b>RODA: Masculinidades;</b>	<b>42</b>
<b>RODA: Pela vida das companheiras;</b>	<b>46</b>
<b>RODA: Modos de enfrentamento;</b>	<b>51</b>
<b>Como aprofundar o debate?</b>	<b>57</b>
<b>Como divulgar?</b>	<b>62</b>

## *Elaboração:*

### **GT Central da Campanha**

Sylene Godoy

Sarah Suzan

Geovani Santos

Thalita Vasconcelos

Keli Oliveira

Michele Gonçalves

Tomelina Barbosa

Eliane Silva Ferreira

Gabriela Silva

Ingrid Barbara

Daiane Zito

Bianca Ortega

Patrícia Itaibele

Bruna Padilha

Heloísa Nascimento

Rocheli Koralewski

William Molina

Franciele Ferreira

Aldiceia Costa

Larissa Pereira

Daniele Rocha

Lady Alvez

Michele Gonçalves

Bruno Costa

Raely Cardoso

Daiane Queiroz

Gabrielly Vieira

Samara Silere

Juliana Santos

Keller Augusto

Davi Rodrigues

Edwiges Costa

Mariana Dal Molin

Náthaly Melo

Krisla Ripardo

Talita Kelly

Natály Trindade

## I. APRESENTAÇÃO

*“É no olho sujo de sonho que nasce a coragem da luta.”*

**(Ana Lúcia Cortegoso)**

Foi com muita coragem que a PJ do Brasil ousou sonhar um caminho de vida plena e direitos dignos para as mulheres. Na obscuridade dos nossos tempos, queremos construir um caminho que seja fiel ao projeto do Cristo libertador, que nos inspira a sermos comprometidos e comprometidas com a causa daqueles e daquelas que sofrem.

O material que vocês tem nas mãos é fruto da dedicação e cuidado de jovens que acreditam que “um outro mundo é possível”. É para apoiar a reflexão da temática e inspirar gestos concretos, pois acreditamos no potencial transformador da juventude na sociedade.

Queremos dizer com essa campanha que BASTA DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES; a violência, o machismo e o patriarcado não vão permitir que a Civilização do Amor se concretize. É preciso somar forças, fazer mutirão para que a campanha seja ressoada em todo o país, em cada canto, em cada paróquia, comunidade e, sobretudo, em cada casa.

À luz do Evangelho, que possamos construir mulheres novas e homens novos, onde a igualdade e a liberdade, desejos de Deus, sejam bens caros e inegociáveis para todas e todos.

E ainda com o coração cheio de esperança, estamos em um tempo muito bonito da nossa história pastoral. É tempo de preparar o coração para nosso Jubileu, para os 50 anos de vida da Pastoral da Juventude no Brasil, que se celebrará em 2023. Em 2019, caminhamos pela cidade de Magdala e seguimos os passos de Maria Madalena, discípula fiel, que nos motiva à ir até as Galileias, nossas periferias onde se encontram as mulheres violentadas e silenciadas.

A nossa Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência Contra a Mulher, deixa nossa história cada vez mais profética e comprometida com a Boa Nova do Evangelho de Jesus Cristo Libertador.

A Campanha é caminho, com sangue e flores, que se direciona para um Horizonte repleto de vida!

Com carinho,  
Coordenação Nacional da Pastoral da Juventude  
Comissão Nacional de Assessoras(as)  
Secretaria Nacional da Pastoral da Juventude  
GT Central da Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de  
Violência Contra a Mulher

## 2. COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

### *Um pouco de história...*

Deus faz história entre nós. Quando acreditamos nessa presença divina no meio do povo, fazer memória histórica torna-se um ato sagrado necessário em cada passo do nosso caminhar! Afinal, “Quem perdeu o trem da história sem querer, perdeu o juízo sem saber”, já cantava o poeta.

Ecoar o grito em defesa da vida da juventude vem de longa data na história da PJ. Poderíamos mesmo dizer que tal ação está nos fundamentos do Ser e Fazer da Pastoral da Juventude, já que a PJ nasce com a proposta de evangelizar jovens a partir de jovens, e evangelizar nada mais é do que, animados e animadas pelo Espírito Santo, anunciar a pessoa e a proposta de Jesus Cristo – o Evangelho da vida, e vida em abundância (Jo. 10, 10). A missão da Pastoral da Juventude assim se resume: “Queremos ser capazes de denunciar as situações de morte, anunciando e testemunhando do Reino de Deus” (“Somos Igreja Jovem”, p. 38).

De acordo com os sinais dos tempos, este grito pela vida da juventude foi apresentando feições mais específicas. Desta forma, podemos destacar, na história recente da pastoral, o Projeto Nacional “A Juventude Quer Viver”, assumido na Ampliada Nacional de Imperatriz/MA em 2011 junto com outros cinco projetos que intencionavam dar uma resposta coletiva às necessidades e demandas da juventude à época (“Somos Igreja Jovem”, p. 74).

Durante toda a sua vigência, o Projeto “A Juventude Quer Viver” trouxe luzes diante do desafio das realidades sofridas pelos/as jovens, tais como genocídio, violência, prostituição, drogas e etc. Esta missão assumida pela PJ nacional ressaltava a luta pelas políticas públicas de juventude, bem como a integração da PJ em redes de defesa das questões da vida das pessoas jovens: “Queremos mobilizar os/as jovens para uma busca de alternativas que gerem vida” (“Pastoral da



Juventude. Um jeito de ser e fazer. Orientações para a caminhada: Um corpo em construção”, p. 24).

A partir da construção deste debate nacional, e mais uma vez atenta à realidade juvenil e preocupada com os impactos da violência sobre a vida da juventude, as PJs realizam entre os anos de 2009 a 2015 a Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens. Esta bandeira de luta comum foi articulada juntamente com as PJE, PJMP e PJR, em âmbito nacional, a partir da 15ª Assembleia Nacional das Pastorais de Juventude em 2008. Por se tratar de uma Campanha recente, muitos grupos de hoje mantêm vivas as recordações sobre os grandes feitos desta ação nos meios juvenis, e pode-se dizer que esta foi uma semente muito fecunda para os caminhos da PJ até os dias atuais.



Se por um lado compreendemos bem o destaque histórico conferido pela PJ, em determinados momentos específicos, à defesa da vida da juventude e ao combate às violências, podemos também perguntar: Quando surge esta discussão sobre as questões de gênero e particularmente sobre a situação da mulher?

O grito pela vida das mulheres vem sendo ecoado (e silenciado) há muito nos espaços da Pastoral da Juventude, assim como em diversos espaços da sociedade. Se retomarmos o debate que o Projeto Nacional “Tecendo Relações” provocou em toda a PJ lá em 2011, vemos que a proposta já convidava a uma contribuição da pastoral “(...) para a construção de relações equilibradas e maduras, tecendo novas relações, a exemplo de Jesus, rompendo com todas as formas de discriminação” (“Somos Igreja Jovem”, p. 118). A relevância que se dava às temáticas da sexualidade, afetividade, diversidade e corporeidade na construção das identidades juvenis já conferia destaque ao recorte de gênero e às violências que colocam em risco esse processo de construção de indivíduos saudáveis e de uma sociedade mais justa: “Aprofundar temas como corporeidade, violência de gênero, a violência contra a mulher e a violência sexual, de forma articulada com as ações da Campanha contra a violência e o extermínio de jovens” (p. 118).

É preciso ainda destacar que a formação integral, assumida de forma primordial pela PJ, propõe-se a olhar e a desenvolver a pessoa do/a jovem a partir das relações que estabelece, tanto consigo (dimensão psicoafetiva) quanto com a realidade, e essa compreensão relacional do sujeito jovem confida já nos fundamentos

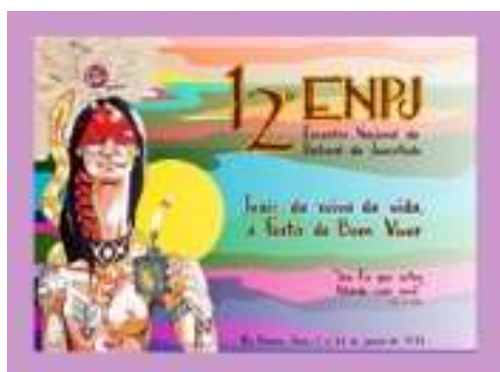
da PJ sempre contribuiu para se pautar quais as vivências promotoras de vida no campo da afetividade e da sexualidade, bem como para se perceber quais os sinais de morte contidos nas situações de desrespeito, discriminação e violência.

Como se pode notar, o grito pela vida das mulheres já vinha ecoando nos meios pastorais... E acabou ressoando ainda mais forte no 11º Encontro Nacional da PJ (ENPJ), em janeiro/2015 na cidade de Manaus/AM, até chegar com força total na Ampliada Nacional da PJ em 2017.

Embalados/as pelo compromisso místico de SerTão PJ, e fazendo o caminho de ir às Galiléias mais desafiantes junto com o Ressuscitado, as pejoteiras e os pejoteiros reunidos na ANPJ de Crato, no Ceará, em janeiro de 2017, escolheram como prioridade pastoral no eixo de ação para o triênio 2017 – 2020: *Promover uma Campanha para o Enfrentamento dos ciclos de violência (simbólica, psicológica, financeira, doméstica, sexual, midiática) contra as mulheres.* Um amplo e qualificado debate permitiu perceber que romper barreiras, renovar a esperança e celebrar a vida passava, inevitavelmente, pela defesa da vida das mulheres.

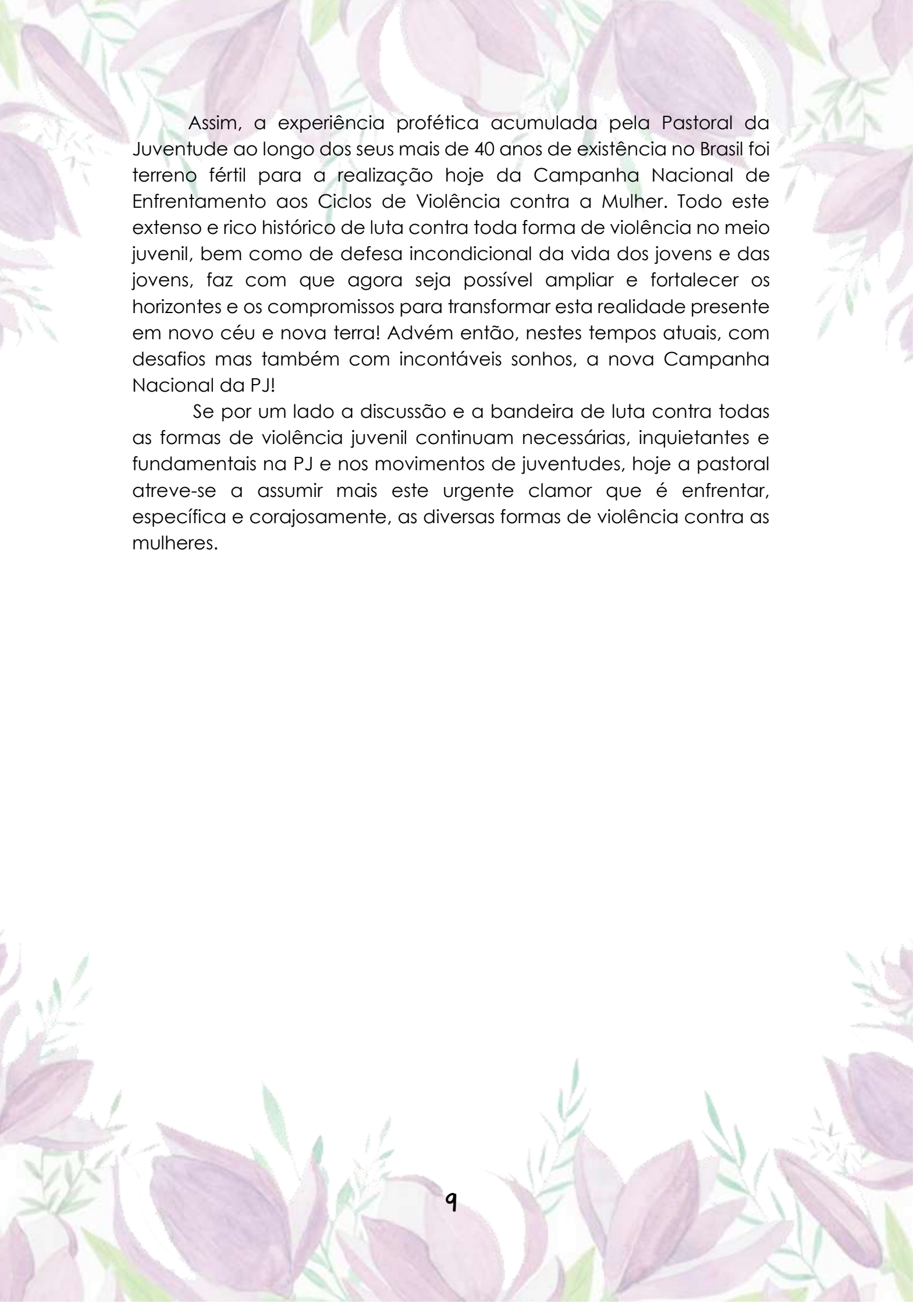


A partir de então, a iniciativa foi amadurecendo, tornando-se conhecida e mobilizando os grupos de base, as lideranças, assessores/as e colaboradores/as em todos os cantos do país. Após este tempo de gestação das primeiras articulações, a Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência contra a Mulher foi



lançada oficialmente em janeiro de 2018, no 12º Encontro Nacional da Pastoral da Juventude (ENPJ): a ciranda em defesa da vida das companheiras tornava-se compromisso fundamental para fazer acontecer a festa do Bem Viver! Nas terras de Rio Branco/AC, da seiva da vida amazônica, o encontro de Jesus

com a mulher samaritana vivificou o sagrado feminino em cada um e cada uma, trazendo inspiração, vigor e renovado impulso à realização desta Campanha Nacional no chão das relações entre a juventude, dentro da Igreja, e para toda a sociedade.



Assim, a experiência profética acumulada pela Pastoral da Juventude ao longo dos seus mais de 40 anos de existência no Brasil foi terreno fértil para a realização hoje da Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência contra a Mulher. Todo este extenso e rico histórico de luta contra toda forma de violência no meio juvenil, bem como de defesa incondicional da vida dos jovens e das jovens, faz com que agora seja possível ampliar e fortalecer os horizontes e os compromissos para transformar esta realidade presente em novo céu e nova terra! Advém então, nestes tempos atuais, com desafios mas também com incontáveis sonhos, a nova Campanha Nacional da PJ!

Se por um lado a discussão e a bandeira de luta contra todas as formas de violência juvenil continuam necessárias, inquietantes e fundamentais na PJ e nos movimentos de juventudes, hoje a pastoral atreve-se a assumir mais este urgente clamor que é enfrentar, específica e corajosamente, as diversas formas de violência contra as mulheres.

### 3. IDENTIDADE VISUAL

A Identidade Visual da Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência contra a Mulher, foi lançada no 12º Encontro Nacional da Pastoral da Juventude (ENPJ), em janeiro de 2018. A simbologia tem comunicação fácil e significado profundo: inspira encanto pela causa, traz a perspectiva da memória histórica e provoca um pronto movimento de tomada de atitudes concretas pela vida das mulheres!

A arte retrata com a harmonia dos diferentes tons de lilás e verde a singeleza e o compromisso vital de ver e fazer florescer. Todos e todas, homens e mulheres, são chamados/as a se engajar diariamente, em cada realidade, para fazer florir a justiça e o direito à vida plena como sinais de que a cultura do Bem Viver já está entre nós!

As mãos fazem memória e referência à Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens, anteriormente assumida e realizada pelas PJs (PJ, PJE, PJMP e PJR) – ou seja, a luta contra toda forma de violência contra os/as jovens, continua sendo um forte grito acolhido e ecoado pelas pejoteiras e pelos pejoteiros. Agora em diversas tonalidades de lilás e inspirando o gesto de “basta!”, o conjunto das mãos unidas torna presente a organização histórica das lutas das mulheres, e expressa o desejo de que cessem todas as formas de violência disseminadas nesta cultura patriarcal - machista, excludente e intolerante.

A logomarca forma o espelho de Vênus, que simboliza o feminino. De modo a ressignificar essa imagem, as mãos se unem às flores que desde a Ampliada Nacional da PJ de Crato/CE reavivam a mística e a identidade da Pastoral da Juventude na luta poética pela utopia da Civilização do Amor.

A arte desta Identidade Visual é fruto da construção de várias mulheres que deram cor e vida à Campanha. São elas: Aline Ogliari, Bianca Ortega, Joyce Elayne, Joyce Souza, Sylene Godoy e Denyse Nunes que pensaram juntas a releitura do desenho e os traços da arte.



## 4. COMO FALAR DA CAMPANHA?

### *Objetivos e Justificativa*

A Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência contra a Mulher consiste em um conjunto de ações articuladas pela Pastoral da Juventude, em abrangência nacional, a ser desenvolvido no triênio que compreende os anos de 2017, 2018 e 2019, propondo aos grupos de jovens, instâncias de coordenação e assessoria, e militância em geral, o debate e o enfrentamento às diversas formas de violência que atingem as mulheres no Brasil. A Campanha precisa ser desenvolvida nas relações internas, na incidência externa, no diálogo e articulação com pastorais e movimentos parceiros, e na construção de novas masculinidades.

É pelo desejo de entender a complexidade dos ciclos de violência e as formas como se manifestam, e para não ser omissa diante dessa trágica realidade, que a Pastoral da Juventude Nacional assume, como uma de suas prioridades atuais, a construção desta Campanha Nacional que abordará as diversas dimensões da violência contra a mulher: simbólica, psicológica, financeira, doméstica, sexual e midiática. Essa prioridade ousa expor os contextos dolorosos que marcam a vida de tantas mulheres do Brasil, de dentro e de fora da Igreja, bem como trazer para o centro dos espaços formativos e de organização da PJ uma ferida aberta há muito tempo.

O cenário nacional da violência mostra dados alarmantes, que devem inquietar profundamente a todos, cristãos e cristãs. Segundo o último “Mapa da Violência: Homicídios de Mulheres”, o Brasil é, infelizmente, o 5º país mais perigoso do mundo para as mulheres viverem: os casos que chegam a ser denunciados apontam que a cada cinco minutos uma mulher é agredida (e em 70% dos casos, o agressor é o próprio parceiro), e treze mulheres são mortas por dia (quase cinco mil mulheres por ano). Uma pesquisa também aponta que 78% das mulheres de 16 a 24 anos já sofreram assédio em locais

públicos. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública traz o estarrecedor número de 130,5 casos de estupro por dia em 2014 (47.646 casos registrados), e sabe-se que diariamente são registradas cerca de 50 denúncias de abuso sexual no país.

A grande exposição às diversas formas de violência é uma realidade assustadora, e todas as conseqüentes violações de direitos e dignidade alertam e exigem tanto uma forte sensibilização quanto a implantação de ações proféticas - ou seja, que sejam transformadoras de fato. Assim, é preciso somar forças e fazer mutirão para que a Campanha seja ressoada em todo o país, em cada canto, em cada paróquia, em cada grupo e, sobretudo, em cada casa.

De fato, com o alto índice nas taxas de assassinatos de mulheres, torna-se urgente realizar campanhas locais, bem como somar iniciativas de caráter mais amplo, a fim de que seja quebrado esse perverso ciclo que dizima parte da população feminina no Brasil. No caso do feminicídio, a face mais perversa do machismo e da misoginia, é assombroso constatar que a maior parte desses crimes é cometida por parceiros íntimos, ou seja, conhecidos das mulheres, pessoas com as quais elas teceram relações afetivas e estabeleceram vínculos de confiança.

Ainda segundo dados do último Mapa da Violência (2015), e falando mais especificamente sobre juventude, aponta-se que a maior incidência de feminicídios concentra-se sobre as mulheres mais jovens, de 18 a 30 anos, e dentre elas, as negras aparecem como as maiores vítimas. Se em dez anos os crimes cometidos contra as mulheres brancas diminuíram 10%, os assassinatos de mulheres negras aumentaram 54%. Soma-se a isso o aumento da população prisional feminina: mesmo que essa parcela seja apenas 8% da população carcerária, nos últimos dez anos houve um aumento de 260% no número de mulheres presas, enquanto o contingente de homens presos aumentou 105%.

O encarceramento do rosto feminino, somado ao processo de feminilização e criminalização da pobreza, é a face mais brutal e cruel do sistema machista e patriarcal vigente. Mais do que isso: pensar o combate à violência contra a mulher significa também compreender e enfrentar o racismo presente nas relações e em todas as instituições, a fim de que, junto com a abordagem de outros marcadores sociais, sejam produzidas estratégias coletivas e plurais para uma luta em defesa da vida integralmente. As diferentes faces da violência contra a mulher, de fato, perfazem uma engenhosa construção cultural, social, histórica, religiosa, política e econômica, relacionada à dimensão do poder entre os gêneros.

A Campanha Nacional da PJ pretende descortinar estes dados e provocar todas e todos a refletirem sobre as diferentes roupagens da violência contra a mulher, a fim de que, de maneira reflexiva e profética, sejam promovidas mudanças de comportamentos e mentalidades entre as juventudes. Está lançado o desafio a todos os grupos de jovens, mas também a todas as pessoas comprometidas com a proposta libertária de Jesus.

Queremos então, com essa nova campanha, dizer em uma só voz que “Basta de violência contra as mulheres!”; que o ódio, o machismo e o patriarcado não vão permitir que a Civilização do Amor se concretize!

Reconhecer que a perpetuação da violência está relacionada ao machismo intensamente presente em nossa sociedade e diariamente reproduzido nos meios de comunicação, na escola, na família e nas igrejas, é muito importante para desnaturaliza-lo, mas ainda não o suficiente para erradicá-lo, o que torna urgente discutir com as/os jovens toda a perversa espiral da violência contra as mulheres: suas raízes, suas consequências, e os caminhos para eliminá-la. De forma muito singela, deseja-se sim que a Campanha contribua

nesta reflexão e na percepção das situações e dos ciclos de violências a que as mulheres são submetidas todos os dias.

Além da construção deste debate de forma ampla e aprofundada, que possibilite tirar as traves dos olhos, curar as cegueiras, sair das escuridões e alcançar a luz das compreensões necessárias, precisamos ir ainda mais além! Desejamos que esta ação profética da PJ também favoreça o encorajamento e a libertação das mulheres, a fim de que se rompam todos os ciclos de morte, e estas mulheres, empoderadas e protagonistas de suas vidas, ajudem a empoderar outras mulheres. À luz do Evangelho, possamos juntas e juntos construir mulheres novas e homens novos, segundo o desejo de Deus, com a igualdade e a liberdade a que todas e todos têm direito de forma plena e irrenunciável.

A Campanha é, assim, daquelas Boas Novas que devemos espalhar e fazer chegar aqui, lá, e em todo lugar. A partir dos espaços de atuação da Pastoral da Juventude, esta Novidade, qual pequena semente do Reino, há de se tornar uma árvore frondosa para abrigar a alegre esperança de um novo tempo, e para frutificar os mais belos sonhos de justiça, paz, fraternidade e comunhão!

A Campanha é caminho, com sangue e flores, que se direciona para um Horizonte repleto de vida!

### **Referências:**

Sites acessados:

WALSELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil. FLACSO Brasil: Brasília, 2015.


Pesquisa Instituto Avon/Data Popular, Violência contra a mulher: o jovem está ligado?, São Paulo, 2014

## *Objetivo Geral*

Enfrentar os ciclos de violência contra as mulheres, na ousadia de desnaturalizar o machismo e o patriarcado que sustentam a cultura da violência, para construir uma nova ordem pautada por relações justas e igualitárias;

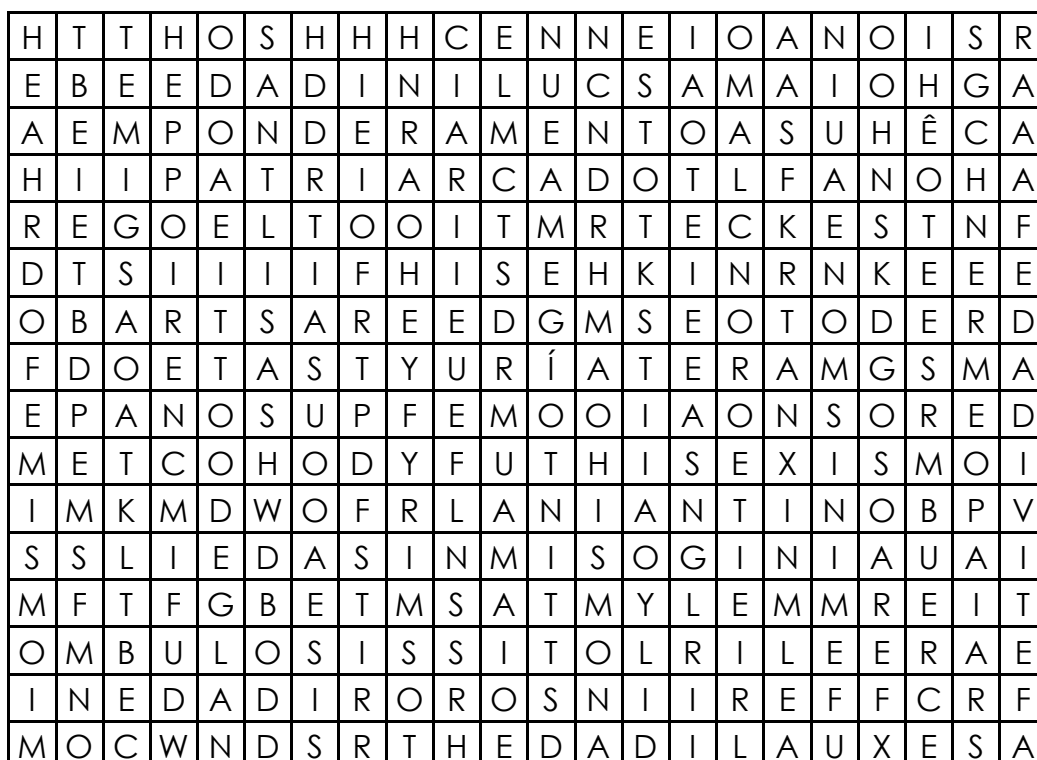
## *Objetivos específicos*

- 1.** Despertar, internamente na Pastoral da Juventude e na Igreja, a sensibilidade para a temática e sua urgência, visando ao empoderamento das mulheres e também à construção de novas masculinidades;
- 2.** Compreender a violência contra a mulher a partir dos determinantes de raça, orientação sexual, identidade, classe, religião, entre outros, e de suas implicações;
- 3.** Ter, em todas as instâncias, mulheres protagonizando a construção e dinamização da Campanha;
- 4.** Nivelar o conhecimento e a linguagem entre todas/os as/os jovens que irão dinamizar a Campanha nas diversas instâncias, por meio da produção de materiais, reflexões, e um glossário básico em torno dos conceitos e dos tipos de ciclos de violência;
- 5.** Enfrentar os ciclos de violência contra as mulheres internamente na Pastoral da Juventude - grupos de jovens, coordenações e assessorias -, a partir da coerência e do testemunho evangélicos, através de processos permanentes de formação e sensibilização;
- 6.** Fortalecer e ampliar a participação das mulheres nos espaços de coordenação e na representatividade em todas as atividades desenvolvidas pela Pastoral da Juventude, tendo a paridade de gênero como critério ideal;

- 
7. Estimular a criação de ações concretas nos âmbitos de: acolhida e cuidado para com as vítimas; prevenção; reparação das violências; promoção de transformações dos contextos sociais e superação da cultura da violência;
  8. Fortalecer a Campanha como referência nos diversos espaços de incidência da sociedade civil organizada.

## 5. COMO SE LIGAR AO TEMA?

Dentro da temática da Campanha podem ter algumas palavras e conceitos que não conhecemos. Que tal buscar no caça-palavras e saber um pouco mais sobre esses termos que vamos trabalhar?



**MACHISMO:** Machismo é um conjunto de pensamentos, fatos, atitudes e costumes que fazem os homens acreditarem que são superiores às mulheres. O comportamento machista justifica e promove comportamentos percebidos como discriminatórios contra as mulheres. Está relacionado com a diferenciação de tarefas de acordo com o gênero e com a crença que o homem tem mais direitos do que as mulheres.

**FEMINISMO:** O feminismo é um movimento social, filosófico e político que tem o ideal contrário ao do machismo, pois luta pela igualdade de direitos e deveres entre os homens e as mulheres.

**MASCULINIDADE:** Masculinidade é um conjunto de atributos, comportamentos e papéis geralmente associados a meninos e

homens. A masculinidade é construída socialmente, mas composta por tanto fatores socialmente definidos quanto criados biologicamente, distintos da definição do sexo biológico masculino.

**PATRIARCADO:** é um sistema social em que homens adultos mantêm o poder primário e predominam em funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social e controle das propriedades. No domínio da família, o pai (ou figura paterna) mantém a autoridade sobre as mulheres e as crianças.

**SORORIDADE:** é a união e aliança entre mulheres, baseado na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum. O conceito da sororidade está fortemente presente no feminismo, sendo definido como um aspecto de dimensão ética, política e prática deste movimento de igualdade entre os gêneros.

**EMPODERAMENTO** feminino: Significa “dar poder” às mulheres, especialmente com o sentido de que tenham efetiva participação econômica e política na sociedade. A busca pelo direito à autonomia por suas escolhas, por seu corpo e sexualidade.

**FEMINICÍDIO:** O feminicídio é o crime de assassinato de uma mulher cuja motivação envolve o fato de a vítima ser mulher. Isso não quer dizer que todo o assassinato de uma mulher seja um feminicídio, mas que todo assassinato de mulher que justifica-se pelo fato de a vítima ser mulher o é. Algumas vezes, isso se expressa na forma do assassinato, apresentando mutilação ou ataques genitais. Outras vezes, o feminicídio indica-se apenas na motivação, como a escolha de uma mulher para ser morta ou no fato do comportamento de determinada mulher ser a justificativa encontrada pelo assassino para realizar a ação.

**GÊNERO:** é o sexo social definido, ou seja, gênero não é sinônimo de sexo. Enquanto o sexo é biológico, o gênero é construído historicamente, culturalmente e socialmente. Incorporamos o gênero masculino ou feminino, através do aprendizado de comportamentos, hábitos, formas de pensar, concordantes com padrões definidos socialmente como masculinos ou femininos. Para além disso, gênero, se consolidou como um campo de estudos, principalmente nas ciências sociais e que vai surgir mais fortemente na década de 60 na Europa, EUA e na década seguinte no Brasil, paralelamente com a segunda onda do

feminismo, “movimento que formulou a crítica da subordinação histórica das mulheres a homens e problematizou e questionou os papéis sociais atribuídos a cada um”.

**MISOGINIA:** é nome dado para a antipatia, o desprezo ou a aversão às mulheres. A palavra tem origem na junção dos termos gregos *miseo*, que significa ódio, e *gyne*, que se refere à mulher.

**SEXISMO:** significa “o conjunto de ideias ou ações que discriminam ou privilegiam um indivíduo de acordo com o seu sexo, gênero ou orientação sexual”. Ou seja: é basicamente quando, em palavras ou atitudes, fica pré-determinado que um gênero é melhor do que outro, se baseando muitas vezes num senso comum.

**SEXUALIDADE:** Sexualidade é essa necessidade de receber e expressar afeto e contato, que todas as pessoas têm e que traz sensações prazerosas e gostosas para cada um. Assim, sexualidade não é apenas sexo, é o toque, o abraço, o gesto, a palavra que transmite prazer entre pessoas e que temos desde antes de nascer, na barriga da mãe, quando bebês e durante toda a vida. Conforme vamos crescendo, descobrimos também o prazer provocado pelo contato sexual, através do estímulo que fazemos em nós mesmos ou com outras pessoas. Essa forma de exprimir a sexualidade vai se juntar às outras maneiras de contato que já vínhamos vivendo desde bebês, gerando a sexualidade adulta.

**AFETIVIDADE:** Afetividade é um termo que deriva da palavra afetivo e afeto. Designa a qualidade que abrange todos os fenômenos afetivos. No âmbito da psicologia, afetividade é a capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos (tendências, emoções, paixões, sentimentos). A afetividade consiste na força exercida por esses fenômenos no caráter de um indivíduo. A afetividade tem um papel crucial no processo de aprendizagem do ser humano, porque está presente em todas as áreas da vida, influenciando profundamente o crescimento cognitivo.

## 6. O QUE FAZER QUANDO IDENTIFICAMOS QUE UMA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER ESTÁ ACONTECENDO?

### DIANTE DE UM CASO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, COMO FAZER?

- FAZER O ACOLHIMENTO DA PESSOA PRIMEIRO, OU SEJA, COMO PRIORIDADE;
- TER SENSIBILIDADE DA ABORDAGEM, SABENDO QUE TRATA-SE DE UM ASSUNTO QUE MACHUCA;
- NÃO AGIR PELA PESSOA, NÃO PRECIPITAR NENHUMA AÇÃO POR ELA;
- SABER QUE HÁ AÇÕES MAIS EMERGÊNCIAIS, EM ÂMBITO DE PROTEÇÃO, E OUTRAS QUE PODEM SER ADOTADAS A MÉDIO E A LONGO PRAZO;
- PROCURAR UM CENTRO DE REFERÊNCIAS/CREAS PARA QUE A MULHER RECEBA ATENDIMENTO ESPECIALIZADO E POSSA PARTICIPAR DA CONSTRUÇÃO DE UM CAMINHO DE ENFRENTAMENTO E ROMPIMENTO AO CICLO DE VIOLÊNCIA;
- A IDA À DELEGACIA NÃO É PRIMORDIAL E PODE SER FEITA APÓS A PROCURA DO CENTRO DE REFERÊNCIA . REDE DE ATENDIMENTO NÃO É DELEGACIA!;
- O BOLETIM DE OCORRÊNCIA TRAZ O ACESSO A MEDIDAS PROTETIVAS IMPORTANTES. MAS SE FOR FONTE DE CONSTRANGIMENTO E A MULHER NÃO QUEIRA, ESPECIALMENTE EM CASOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL, NÃO PRECISA SER FEITO A PRIORI, MAS SÃO NECESSÁRIAS OUTRAS ROTAS DE PROTEÇÃO LEGAL;
- SE FOR VIOLÊNCIA EM ÂMBITO VIRTUAL, DEVIDO À DEFICIÊNCIA DE LEGISLAÇÃO ESPECÍFICA, OS CASOS PRECISAM DE AÇÕES NA DEFENSORIA PÚBLICA;
- NÃO SE AUTORIZA A FALAR EM NOME DA MULHER: OFEREÇA-LHE O APOIO PARA QUE ELA TENHA CONFIANÇA DE QUE SEU RELATO É FUNDAMENTAL E INSUBSTITUÍVEL.

#### I. *Eu, mulher:*

1.1. Se fui vítima, em caso de violência ocorrida no espaço público ou privado, devo ligar para a Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência no número 180. O disque-denúncia é anônimo, gratuito e funciona em todo o Brasil, 24 horas por dia, incluindo finais de semanas e feriados. Posso recorrer a qualquer delegacia para registro de um boletim de ocorrência, ou, caso haja no município, a uma Delegacia de Defesa da Mulher. Se eu estiver sofrendo violência ou ameaça, posso ligar para que a polícia compareça imediatamente no número 190. Caso não me sinta segura para ficar em casa, posso

solicitar abrigo na delegacia ou Centro de Referência de Atendimento às Mulheres.

1.2. Se conheço e tenho proximidade com alguma vítima de violência, posso conversar e alertá-la que existem meios de intervir, e que assegurem sua vida e sua integridade. Se no meu município existem Secretarias e Órgãos especializados (CREAS, CRAS) em acolhimento e acompanhamento de mulheres vítimas de violência, posso solicitar apoio e auxílio de profissionais especializadas como psicólogas e assistentes sociais.

1.3. Devo olhar a situação com cuidado, se possível, intervindo para interromper a violência em curso, especialmente se houver risco à integridade e à vida da mulher. Esta intervenção deve ser prioritariamente pacífica, não-violenta, se possível por meio de diálogo, lembrando que a prioridade é proteger a vítima. Se percebo que não posso intervir sozinha, devo rapidamente buscar alguém próximo que possa ajudar. Em todo caso, devo acionar imediatamente o apoio policial, através do Disque 190.

## **2. *Eu, homem:***

2.1. Devo olhar a situação com cuidado, intervindo para interromper a violência em curso, especialmente se houver risco à integridade e à vida da mulher. Esta intervenção deve ser prioritariamente pacífica, não-violenta, se possível por meio de diálogo, lembrando que a prioridade é proteger a vítima. Se percebo que não posso intervir sozinho, devo rapidamente buscar alguém próximo que possa ajudar. Em todo caso, devo acionar imediatamente o apoio policial, através do Disque 190.

2.2. Devo dar suporte à mulher, vendo se necessita de atendimento médico ou outro especializado, e auxiliando-a para garantir que receba os devidos cuidados. Se necessário, devo acionar o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) através do Disque 192, para que preste o atendimento de socorro a vítima.

2.3. Devo informar a mulher (ou seus familiares/pessoas de sua confiança) sobre a possibilidade de denúncia através do Disque 180 e da importância de registrar Boletim de Ocorrência em Delegacia comum ou especializada, para os devidos procedimentos legais. Neste sentido, devo me colocar à disposição para ajudá-la nesse processo, inclusive servindo como testemunha, se for o caso

## 7. O QUE NÓS PODEMOS E DEVEMOS FAZER PARA NOS MOBILIZARMOS CONTRA A VIOLÊNCIA?

### 1. *Nós, mulheres:*

1.1. Falar e falar sobre a violência! A gente só se percebe quando fala! Não achar que falar é pouco, pois é tanto! Falar das vivências para que outras pessoas vão se encorajando. Falar para que quem venha depois, sofra menos.

1.2. No coletivo de MULHERES: Como a gente se organiza para se auto proteger e sobreviver?  
Exemplo: vagão rosa do metrô, coletivos feministas nas periferias, andar em bando, apitação...

1.3. Romper com a rivalidade feminina: desenvolver sororidade e solidarizar-nos umas com as outras!

1.4. Valorizar a fala da companheira e pensar juntas!

1.5. Viver a espiritualidade do Sagrado Feminino e a experiência de Deus em corpo de mulher;

1.6. Denunciar a veiculação de vídeos ou imagens sem consentimento no ambiente virtual. É violência sim!

### 2. *Nós, mulheres e homens:*

2.1. Perceber o que de fato é violência, em maior ou menor grau. A violência está tão inculturada, tão naturalizada, que às vezes é até difícil perceber. Precisamos perceber a dor de quem sofre e também perceber quem pratica;

2.2. Encontrar vias de expressão: a gente só se percebe quando fala! Ainda falamos muito pouco da violência contra a mulher, das violências de gênero, tão estruturantes. O tema, velho, ainda é tão novo... Precisamos falar e falar!

2.3. Lutar para que haja a estrutura de Centros de Referência em todo município, como política pública e estratégia fundamental de enfrentamento aos ciclos de violência;

2.4. Cuidado constante da desconstrução, da escuta. Isso a gente só faz e se reconhece em espaços quando a gente fala. Nada cai do céu!

2.5. Compreender que a lei só regula as situações. É preciso mais do que isso: é necessário trabalhar o machismo!

2.6. Enxergar a violência em nosso meio e as formas de combatê-la;

2.7. Assumir: Não queremos perder mais nenhuma!

2.8. Participar da vida da comunidade.

### ***3. Nós, Pastoral da Juventude:***

3.1. Devemos mobilizar uma rede de defesa e cuidado a partir de nossas comunidades eclesiais e nossos grupos, acompanhando, dentro do possível, as companheiras vítimas de violência, e difundindo as informações e orientações sobre como denunciar e romper os ciclos de violência;

3.2. Perceber onde temos reproduzido as diversas formas de violência dentro das nossas instâncias pastorais. Desnaturalizar a violência e nos conscientizar a respeito das mudanças de atitude e uma nova mentalidade dos sujeitos e sujeitas de nossa pastoral a fim de não mais gerar violência dentro e fora dos nossos espaços;

3.3. Que os nossos grupos sejam espaços de confiança e abertura para que as mulheres falem acerca das violências vividas. Estarmos sempre prontos e prontas para denunciar e buscar auxílio com os órgãos citados para punir e cessar as violências presentes;

3.4. Criar laços com as instituições que já atuam na defesa da vida das mulheres e na denúncia das agressões, conforme os tipos de violência sofridos;

3.5. Usar da criatividade: recomeçar a tratar dessa temática conhecida há anos pela PJ dando nova forma e visibilidade;

3.6. Alimentar e animar a Esperança da Utopia e a Alegria do Evangelho: a mudança virá! Os sinais do Reino já estão presentes entre nós!

3.7. A Campanha da PJ é para dentro, e também para a sociedade, no que diz respeito à juventude! A Campanha é nossa, para nós, mas deve repercutir para quem está fora. O leque é muito maior que a Pastoral! Não conseguiremos fazer sozinhos e sozinhas.

3.8. Temos uma responsabilidade muito grande com a Juventude, a Igreja e a sociedade, ao assumirmos esta Campanha! É clamar pela Vida!

*“A Campanha é Novidade Pascal...*

*É testemunho de Ressurreição em meio a sinais de morte e de dor...*

*E é desafio de discipulado e missionário, de Igreja em saída e de transformação eclesial e social de que tanto necessitamos... “*

**(Papa Francisco à PJ).**

## 8. COMO PLANEJAR AS AÇÕES?

### *Colocando em prática...*

Para melhor realizar e organizar as atividades, indicamos alguns eixos que podem ser dinamizados de forma específica, sendo adaptáveis a cada realidade. É importante saber que eles são transversais uns aos outros, ou seja, necessitam de ações articuladas e sintonizadas na mensagem a ser transmitida e na função a ser desempenhada.

#### ***Eixo Formação:***

Este eixo refere-se a todo o trabalho de base destinado a desenvolver a formação integral e libertadora assumida pela PJ. Podem ser realizadas ações, como:

- Dimensão teórico-conceitual: Nivelar os entendimentos, abordagens e conceitos da temática da Campanha entre os/as jovens, assessores/as e pessoas que possam vir a se envolver nos processos.
- Atividades de Formação: Oficinas, fóruns, debates, seminários, encontros, ciclo de Estudos, cine debate, etc.
- Rodas de Conversa: Destacam-se como metodologia privilegiada para organização de encontros aos grupos pequenos, favorecendo a formação de lideranças.
- Materiais e Produção de Conteúdo: Subsídios, cartilhas, músicas, revistas, vídeos (filmes e documentários) e outros tipos de materiais em geral, de fácil utilização, com largo alcance e que podem ser ótimos companheiros de caminhada para quem deseja desenvolver ações de cunho formativo. A utilização de dinâmicas também tem lugar privilegiado nestes tipos de ações.
- Parcerias: É a aproximação com quem pode fazer a discussão relativa à Campanha, e assim contribuir no processo local: Pastorais, Movimentos e Organismos Eclesiais; Movimentos

- Sociais/Populares/Globais, Organizações Não-Governamentais, Grupos e Redes Sócio-comunitários; Órgãos Públicos; Conselhos de Direitos; Mídia; Centros de Estudo, Pesquisa e Formação; Redes de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar contra as Mulheres; Outras Igrejas e denominações religiosas.
- Atividades Permanentes das PJs: A Campanha pode e deve estar presente em todas as atividades permanentes da pastoral, sendo a formação um dos objetivos do alcance das ações.

### *Eixo Mídia:*

Este eixo trata-se de toda arte da comunicação essencial para uma realização exitosa da Campanha. Pensar no desenvolvimento das ações de forma criativa, lúdica e interativa, parece fundamental para o total alcance dos objetivos propostos. Neste contexto, a intervenção em redes sociais e espaços virtuais é fundamental para o processo de capilarização da Campanha e da discussão que ela irá desencadear nos âmbitos micro e macro, permitindo assim que a pauta esteja em foco permanente. Para isso pode-se utilizar:

- Preparação de materiais audiovisuais (vídeos - filmes e documentários -, fotografias, edição de imagens, cartazes e banners eletrônicos, músicas, hino da Campanha);
- Produção de conteúdo virtual (adesivo em fotos de perfis com o logo da Campanha, divulgação de orientações de cunho educativo e assistencial para casos de violência);
- Utilização de um canal específico no Facebook e no Youtube para a Campanha;
- Criação de um aplicativo, ou a disponibilização de instrumentos para acesso amplo e longo alcance, como bancos de dados ou arquivos virtuais (de trabalhos acadêmicos que falam sobre o assunto, por exemplo);
- Exploração de toda a diversidade de mídias disponíveis (inclusive rádio comunitária e online).

### *Eixo Atividades de Massa:*

Atividades de massa permitem unificar a luta em torno de uma causa comum. Geralmente são realizadas junto com parcerias serviços, organizações e instituições locais; em se tratando especificamente de juventude, envolver as escolas parece fundamental. Com intuito de aglomerar mais e mais pessoas, em diferentes momentos do processo de formação, como forma de propor espaços de motivação, discussão e repercussão política. Pode-se realizar:

- Eventos culturais;
- Panfletagens;
- Concentrações diocesanas, jornadas, marchas, romarias da juventude, são algumas das atividades típicas para este eixo;
- A criação de um *Dia Nacional de Luta* pode também ser interessante, abrangendo atividades de cunho social e cultural nas comunidades, tanto para a participação massiva de pessoas (marcha, pedalada, caminhada, show, palestra na comunidade), quanto para a oferta de serviços às mulheres (atendimento da defensoria pública, psicóloga/o, justiça restaurativa em conjunto com núcleo de justiça e paz).

### *Eixo Articulações institucionais:*

Para muitos espaços, e para uma incidência política com mais força, é importante que a agenda de lutas da PJ em torno da Campanha seja conhecida e possa firmar laços com entidades locais, organismos, ONGs, grupos, centros e institutos de juventude, pastorais e movimentos sociais. Essas articulações vêm a somar e a fortalecer a luta em todos os eixos da Campanha, e podem se realizar através de diálogos, eventos, atividades comuns, trocas de materiais, prestação de serviços, mobilização de projetos financeiros conjuntos, grupos de estudos, grupos de pesquisa, grupos de trabalho, etc. Juntos e juntas, andamos bem melhor!

## 9. COMO CONDUZIR A CONVERSA?

Nessa parte selecionamos algumas temáticas que podem ser debatidas em cada realidade e ajudarão o grupo a ficar por dentro dos assuntos que a Campanha traz.

A ideia é oferecer propostas que facilitem o debate e motivem o grupo a pensar em estratégias para a superação dos ciclos de violência.

### RODA:

#### *Conhecer e superar os ciclos de violência*

*"Conhecia também uma violência praticada de forma quase invisível, que é o preconceito contra as mulheres, desrespeito que abre caminho para atos mais severos e graves contra nós. Apesar de nossas conquistas, mesmo não tendo as melhores oportunidades, ainda costumam dizer que somos inferiores, e isso continua a transparecer em comentários públicos, piadas, letras de músicas, filmes ou peças de publicidade. Dizem que somos más motoristas, que gostamos de ser agredidas, que devemos nos restringir à cozinha, à cama ou às sombras."*

(Maria da Penha, trecho do livro "Sobrevivi... posso contar")

**Objetivo:** Favorecer com que o grupo identifique os tipos de violência contra as mulheres bem como refletir formas de superação e combate.

**Ambientação:** Podem ser usados alguns dados da violência que serão dados de apoio da roda na ambientação do espaço em forma de tarjetas/cartazes, junto a outros elementos que o grupo já utiliza como tecidos, bíblia, flores, faixas, dentre outros. Ver material para a dinâmica proposta.

**Acolhida:** Acolher todos e todas presentes, apresentar a proposta da roda de conversa. Pode ser pedido que visualizem os dados colocados e comentem o que sabem a respeito da violência contra as mulheres no Brasil. Em seguida, pode ser iniciada a dinâmica proposta a seguir.

**DINÂMICA: Ajudando a identificar os tipos de violência**

**Objetivo:** Facilitar a identificação dos tipos de violência entre o grupo e favorecer que elas sejam percebidas e combatidas.

**Material:** Cartaz identificando separadamente cada tipo de violência (moral, sexual, física, patrimonial e midiática). Papeletas pequenas com as situações citadas abaixo.

**Desenvolvimento:** Depois de misturar as frases, a tarefa é associar as situações que constam nas papeletas aos tipos de violência colocados nos cartazes. Pode ser oferecido algum doce para quem acertar as associações.

Incentivar que sejam relacionadas e ao final do exercício fazer a leitura do ANEXO 2, onde constam as informações acerca de cada tipo de violência.

Motivar que o grupo reflita sobre como esses tipos de violência estão presentes na nossa comunidade e o que pode ser feito para promover a mudança dessa realidade.

### **VIOLÊNCIA FÍSICA**

“Durante uma discussão, jogou uma garrafa em mim.”

“Me apertou e sacudiu meu corpo, com raiva.”

“Puxou meu cabelo para impedir que eu saísse pela porta.”

“Gritou e deu um tapa no meu rosto.”

“Me jogou no chão e me chutou repetidas vezes.”

### **VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA**

“Disse que se eu saísse naquela noite iria me agredir.”

“Não deixa eu fazer faculdade porque diz que ‘tem gente demais lá, você não precisa disso’.”

“Todas as noites checa as mensagens no meu celular.”

“Não deixa eu ir à missa, disse que a família sempre foi de outra religião e quer que eu mude.”

“Diz que estou gorda toda vez que visto uma saia.”

### **VIOLÊNCIA SEXUAL**

“Conheci um rapaz, no primeiro encontro e ele me forçou a fazer sexo.”

“Se recusou a usar preservativo, engravidei e ele comprou um remédio para que eu abortasse.”

“Estava na balada, puxou minha cabeça e me beijou.”

“Tocou nos meu seios quando eu estava no ônibus.”

## **VIOLÊNCIA PATRIMONIAL**

“Pedi que eu deixasse meu salário na conta dele pois diz que namoramos há muito tempo, podemos usar isso juntos.”

“Falei que pediria o divórcio, ele queimou meus documentos.”

“Jogou fora todos os meus vestidos que considerava ‘curtos’.”

“Há 3 meses não paga a pensão dos nossos filhos.”

“Foi ao cartório e registrou a casa no nome dele sem o meu consentimento, mesmo sendo comprada por mim.”

## **VIOLÊNCIA MORAL**

“Num encontro com amigos, fez piada e disse que eu era muito lenta para entender.”

“Disse aos meus pais que eu não estava ‘boa da cabeça’ nos últimos dias e estava evitando sair.”

“Disse que eu peguei o dinheiro dele e gastei sendo que eu sequer sabia onde ele tinha guardado o dinheiro.”

“Publicou no facebook que o meu desempenho sexual era muito abaixo do que ele esperava.”

“Na reunião do trabalho, o chefe questionou sobre os meus atrasos e pediu que eu ‘namorasse menos’.”

## **Iluminação Bíblica**

Livro de Gênesis 4,9

**Para Refletir** (Motivar que o grupo reflita e partilhe as experiências)

1. Como temos reconhecido nossas irmãs que sofrem violência?
2. O que pode ser feito para promover a mudança dessa realidade?
3. Como esses tipos de violência estão presentes na nossa comunidade?
4. Qual nossa postura diante das nossas irmãs que sofrem? Nós temos assumido a responsabilidade de cuidar da outra?

## **Oração final**

“É preciso ser comunidade e estar em comunhão na defesa da vida plena das companheiras para concretizar o sonho de Deus de um mundo de paz e harmonia. Precisamos encontrar caminhos de fraternidade onde o outro não seja visto como inimigo ou concorrente, mas, irmão complementaridade. Não devemos ficar indiferente a dor ou sofrimento da outra, mas, façamos a nossa parte

“para que todos tenham vida em abundância. ”

(As papeletas com os nomes das violências podem ser queimadas ou rasgadas simbolicamente)

## **DANÇA CIRCULAR**

Vamos dar as mãos, erguer as bandeiras

Vamos cirandar em defesa da vida das companheiras (2x)

## **ANEXO 1: Números da Violência contra a mulher no Brasil\*\***

- 503 mulheres brasileiras são vítimas de agressão física a cada hora.
- Entre as mulheres que sofreram violência, 52% se calaram. Apenas 11% procuraram a delegacia da mulher.
- Em 61% dos casos, o agressor é um conhecido; em 19% das vezes, eram companheiros atuais das vítimas.
- 43% das agressões ocorreram dentro das casas das vítimas.
- 40% das mulheres acima de 16 anos já sofreram algum tipo de assédio.
- 5,2 milhões de mulheres já sofreram assédio em transporte público.
- 20,4 milhões de mulheres já receberam comentários desrespeitosos nas ruas.
- 2,2 milhões de mulheres já foi beijada ou agarrada sem consentimento.
- 10% das mulheres já sofreram ameaça de violência física.
- 8% das mulheres sofreram ofensa sexual.
- 4% receberam ameaça com faca ou arma de fogo.
- 3% (ou 1,4 milhões) de mulheres sofreram espancamento ou tentativa de estrangulamento e 1% levou pelo menos um tiro.

\* Pesquisa feita pela Kering Foundation. Dados referentes a 2016 e 2017.

\*\* Pesquisa feita pelo Datafolha e encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança. Dados referentes ao ano de 2016.

## **ANEXO 2: Tipos de violência contra a mulher**

“Na Lei Maria da Penha estão tipificadas a violência física e psicológica, bem como a violência moral, sexual e patrimonial. Essas formas de agressão são complexas, perversas, não ocorrem isoladas umas das outras e têm graves consequências para a mulher.

Qualquer uma delas constitui ato de violação dos direitos humanos e deve ser denunciada.

**Violência física** - Entendida como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher. Nesse tipo de violência pode ocorrer lesões graves e deixá-la incapacitada de realizar tarefas habituais por toda sua vida, podendo levá-la a morte.

**Violência psicológica** - É considerada qualquer conduta que: cause dano emocional e diminuição da autoestima; prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da mulher; ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões.

**Violência sexual** - Trata-se de qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força. Que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade. Que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação. E que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos.

**Violência patrimonial** - Entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.

**Violência moral** - É considerada qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria, por exemplo, atitudes como comentários ofensivos e humilhantes na frente de estranhos ou conhecidos.

## RODA:

### *Legislação e parcerias de proteção à mulher*

*“A Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres tem por finalidade estabelecer conceitos, princípios, diretrizes e ações de prevenção e combate à violência contra as mulheres, assim como de assistência e garantia de direitos às mulheres em situação de violência, conforme normas e instrumentos internacionais de direitos humanos e legislação nacional. ”*

(Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres)

**Objetivo:** Apontar maneiras judiciais, os direitos, as leis e as parcerias que contribuem e garantem a proteção da mulher.

**Preparação para o encontro:** Ler os textos todos antes do encontro, baixar o vídeo da música sugerida para a discussão do tema e fazer a impressão dos anexos 1 e 2.

**Ambientação:** Anexos 1 e 2 impressos, fotos ou nomes de mulheres vítimas de violência. Podem ser usados alguns dados referentes ao local (cidade/estado) do grupo sobre violência contra a mulher na ambientação do espaço em forma de tarjetas/cartazes, junto a outros elementos que o grupo já utiliza como tecidos, bíblia, flores, faixas, dentre outros. Ver material para a dinâmica proposta.

**Acolhida:** Acolher todos e todas presentes, apresentar a proposta da roda de conversa. Pode ser pedido que visualizem os dados colocados e comentem o que sabem a respeito da violência contra as mulheres no Brasil. Em seguida, pode ser iniciada a dinâmica proposta a seguir. Sugestão de música: *Irã chegar*

### **Oração**

**Animadora/o:** Motivar as e os jovens a pensarem em coisas que nos impedem de chegar neste novo céu, nova terra e novo mar. Motivar, também, que eles olhem para as folhas com os dados referentes à violência contra mulher que estão dispostos na ambientação.

Cantar: *Eu só peço a Deus* (Mercedes Sosa)

*Eu só peço a Deus*

*Que a dor não me seja indiferente  
Que a morte não me encontre um dia  
Solitário sem ter feito o q'eu queria  
Eu só peço a Deus*

*Que a dor não me seja indiferente  
Que a morte não me encontre um dia  
Solitário sem ter feito o que eu queria  
Eu só peço a Deus*

*Que a injustiça não me seja indiferente  
Pois não posso dar a outra face  
Se já fui machucada brutalmente  
Eu só peço a Deus*

*Que a guerra não me seja indiferente  
É um monstro grande e pisa forte  
Toda fome e inocência dessa gente  
Eu só peço a Deus*

*Que a mentira não me seja indiferente  
Se um só traidor tem mais poder que um povo  
Que este povo não esqueça facilmente  
Eu só peço a Deus*

*Que o futuro não me seja indiferente  
Sem ter que fugir desenganando  
Pra viver uma cultura diferente*

**Para começo de conversa:**

Fazer a leitura do Anexo 1 da forma que o grupo preferir. Podem ser divididos em grupos e depois partilhar as seguintes questões:

- Quem já conhecia a lei?

- A lei funciona? Ela é importante para as mulheres?
- Alguém conhece a história da Maria da Penha?

**Música para refletir:** Lei Maria da Penha - Luana Hansen & Drika Ferreira

<https://www.youtube.com/watch?v=gO2pmqIFVNo>

### **Iluminação bíblica**

Livro de Juízes, cáp. 19

#### **Para refletir:**

O que sentimos com tal violência relatada na leitura?

Este relato é muito distante do que vemos em telejornais?

Quais as garantias de vida esta mulher teve?

Como podemos associar a vida dessas mulheres, sem nome, com a lei Maria da Penha?

Como podemos através dessa leitura pensar caminhos de superação e conversão dos agressores?

#### **Gesto Concreto:**

Que tal se informar um pouco mais sobre as redes que atuam em defesa da vida das mulheres? O grupo pode conhecer as redes de proteção e políticas públicas locais e depois mobilizar para que mais pessoas conheçam sua atuação.

Ex: Abrigos, locais de acolhimento, centros de apoio psicológicos, ONGs e organismos de proteção e cuidado com a vida das mulheres.

#### **Oração Final**

##### **Mantra:**

*Senhor torna-me justiça diante da opressão,  
passos curtos para a luz em meio à escuridão  
passos curtos para a luz em meio à escuridão.*

##### **Preces espontâneas...**

**Resposta:** *Escuta-nos Divina Ruah!*

**Benção:**

Ó Deus e Deusa, Pai e Mãe de ternura, tu que és Luz e Salvação, guarda e protege a vida do seu povo. Escuta o grito da humanidade, que como as mulheres da bíblia clamam por Justiça, Paz e Amor, e por estas mesmas Causas queremos nos comprometer. Por Cristo, nosso Senhor. Amém.

**Ciranda:**

*Na ciranda do Bem Viver  
Gerando novas relações  
E a defesa da vida das mulheres*

**TEXTOS COMPLEMETARES:**

<http://www.spm.gov.br/assuntos/ouvidoria-da-mulher/pacto-nacional/politica-nacional-enfrentamento-a-violencia-versao-final.pdf>

[http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2010/PactoNacional\\_livro.pdf](http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2010/PactoNacional_livro.pdf)

[http://www.cogemas.pr.gov.br/arquivos/File/Documento/Noticia206/Politica\\_Nacional\\_de\\_Enfrentamento\\_a\\_Violencia\\_Versao3\\_FINAL.pdf](http://www.cogemas.pr.gov.br/arquivos/File/Documento/Noticia206/Politica_Nacional_de_Enfrentamento_a_Violencia_Versao3_FINAL.pdf)

**ANEXO 1:****O que diz a Lei Maria da Penha?**

A Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) é uma lei escrita por mulheres e para mulheres. A lei define que a violência doméstica contra a mulher é crime e aponta formas de evitar, enfrentar e punir a agressão. A lei indica a responsabilidade que cada órgão público tem para ajudar a mulher que está sofrendo a violência. Com a Lei Maria da Penha, o juiz passou a ter poderes para conceder as chamadas medidas protetivas de urgência. Como o próprio nome diz, essas medidas servem para proteger a mulher que está sofrendo violência e são aplicadas quando o juiz concorda com o pedido feito pela mulher. Algumas medidas são voltadas para a pessoa que pratica a violência, como afastamento do lar, proibição de chegar perto da vítima e suspensão de porte de armas. Outras medidas são voltadas para a mulher que sofre a violência, como encaminhamento para programa de proteção ou atendimento.

## **Entenda a Lei Maria da Penha**

Como muitas vezes a mulher depende economicamente da pessoa que a agride, o juiz pode determinar como medida protetiva, o pagamento de pensão alimentícia para a mulher e/ou filhos/as. Além disso, quando a violência é conjugal (marido-mulher, companheiro-companheira, companheira-companheira), o juiz pode tomar providências para evitar que a pessoa que agride se desfaça do patrimônio do casal e prejudique a divisão de bens em caso de separação. A pessoa que comete a violência também pode ser presa preventivamente, se houver necessidade. A lei garante a inclusão da mulher que sofre violência doméstica e familiar em programas de assistência promovidos pelo governo, atendimento médico, serviços que promovam sua capacitação, geração de trabalho, emprego e renda e, caso a mulher precise se afastar do trabalho por causa da violência, ela não poderá ser demitida pelo período de até seis meses. Caso a pessoa que cometeu a violência seja condenada, vai ser aplicada a pena correspondente ao crime cometido, de acordo com o que prevê o Código Penal e o juiz pode obrigar a pessoa que cometeu a agressão a frequentar programas de reeducação.

## **Outro projeto que engloba a Lei Maria da Penha desenvolvida pelo Governo Federal**

A Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres tem por finalidade estabelecer conceitos, princípios, diretrizes e ações de prevenção e combate à violência contra as mulheres, assim como de assistência e garantia de direitos às mulheres em situação de violência, conforme normas e instrumentos internacionais de direitos humanos e legislação nacional.

A Política Nacional encontra-se, também, em consonância com a Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha) e com convenções e tratados internacionais, tais como: a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher (Convenção de Belém do Pará 1994), a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW, 1981) e a Convenção Internacional contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas (Convenção de Palermo, 2000).

**Leia mais aqui:** <http://www.spm.gov.br/assuntos/ouvidoria-da-mulher/pacto-nacional/politica-nacional-enfrentamento-a-violencia-versao-final.pdf>

### **Por que a Lei se chama Maria da Penha?**

Maria da Penha Maia Fernandes foi alvo de duas tentativas de homicídio por parte do marido e ficou paraplégica. Foram mais de 20 anos de luta, com apoio de grupos de mulheres de todo o país, para que fosse feita a justiça. O caso se tornou um exemplo e por isso deram seu nome para a Lei nº 11.340, criada em 2006 para prevenir e punir a violência doméstica contra as mulheres.

Fonte: Cartilha Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres

### **ANEXO 2: HOMICÍDIO DE MULHERES – Atlas da Violência 2018.**

O início do ano de 2018 foi marcado pelo assassinato de Marielle Franco, que chocou a população brasileira. Mulher, negra, mãe e moradora da favela da Maré, Marielle Franco era vereadora da Câmara Municipal do Rio de Janeiro e, no dia 14 de março, foi morta em um atentado. Treze tiros atingiram o veículo onde ela estava. A comoção pública e a transformação de seu nome em símbolo de resistência são sinais de que a violência contra a mulher está deixando de ser naturalizada. Se as leis e políticas públicas ainda não são suficientes para impedir que vidas de mulheres sejam tiradas de formas tão brutais, o enfrentamento a essas e outras formas de violência de gênero é um caminho sem volta. Os dados apresentados neste relatório devem contribuir para destacar e denunciar a morte de mulheres, assim como a necessidade do aprimoramento dos mecanismos de enfrentamento. Em 2016, 4.645 mulheres foram assassinadas no país, o que representa uma taxa de 4,5 homicídios para cada 100 mil brasileiras. Em dez anos, observa-se um aumento de 6,4%. Algumas considerações sobre as estimativas de feminicídio a partir dos dados da saúde A base de dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade não fornece informação sobre feminicídio, portanto não é possível identificar a parcela que corresponde a vítimas desse tipo específico de crime. No entanto, a mulher que se torna uma vítima fatal muitas vezes já foi vítima de uma série de outras violências de gênero, por exemplo: violência psicológica, patrimonial, física ou sexual. Ou seja, muitas mortes poderiam ser evitadas, impedindo o desfecho fatal, caso as mulheres tivessem tido opções concretas e apoio para conseguir sair de um ciclo de violência.

Para estimar o número de feminicídios entre o total de mortes por agressão no Brasil, Romio (2017) elaborou uma metodologia que considera três categorias: feminicídio reprodutivo, feminicídio doméstico e feminicídio sexual. Buscam-se índices mínimos que indiquem que as mortes estudadas tiveram como causa a condição social da mulher e discriminação por sexo contra mulheres (Romio, 2017, p. 165). No caso de feminicídio reprodutivo, utilizando dados do Sistema de informações sobre Mortalidade, a autora utiliza uma categoria mais ampla que inclui casos de morte decorrente de aborto voluntário, uma vez que são decorrentes de políticas de controle do corpo feminino e de supressão da liberdade e de direitos. Essa é uma formulação de vanguarda, ainda não consensual e não contabilizada neste Atlas, mas que precisa ser amplamente debatida.

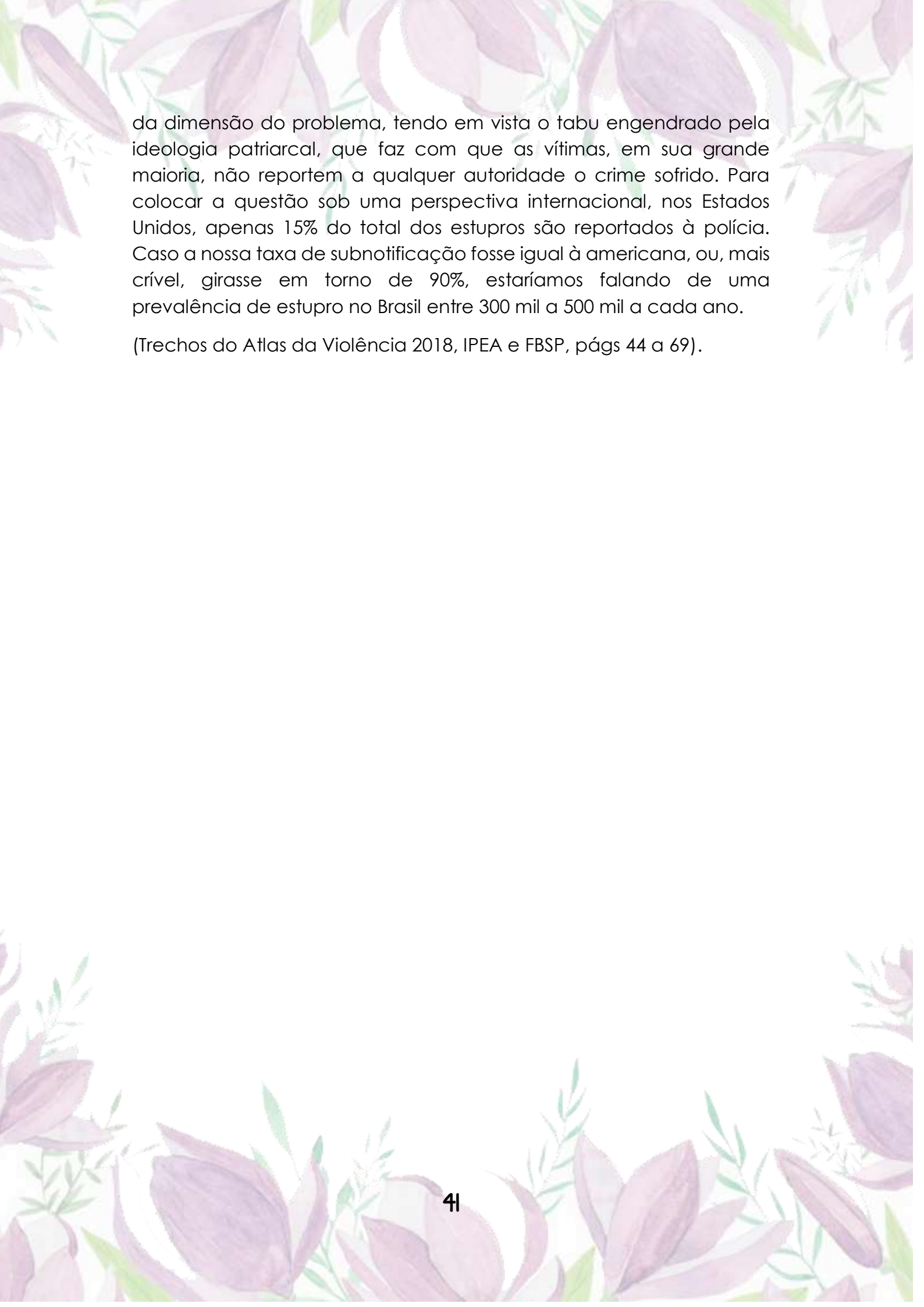
Já o feminicídio sexual pode ser contado a partir da categoria CID-10, Y05 Agressão sexual por meio de força física, um recorte entre todas as categorias de agressão que conformam mais ou menos o que chamamos de homicídio neste estudo. Nesse caso, é preciso que haja um consenso entre movimentos sociais, gestoras e juristas quanto à substituição ou não da tipificação penal prevista de estupro seguido de morte quando a vítima for mulher. Essa interpretação não é incompatível com o que vem sendo compreendido em termos de definição de feminicídio. Segundo o documento da ONU Mulheres em parceria com a Secretaria Nacional de Política para Mulheres (SPM): Quadro 1 – Femicídios/feminicídios: categorias de análise para compreensão da realidade social: (...) Morte de uma mulher cometida por um homem desconhecido, com quem a vítima não tinha nenhum tipo de relação. Por exemplo, uma agressão sexual que culmina no assassinato de uma mulher por um estranho (ONU Mulheres e SPM, 2017, p. 23).

A terceira categoria, feminicídio doméstico, poderia ser estimada, segundo (Romio, 2017), pelo dado de local de ocorrência. Se ocorrido no domicílio, se trataria de feminicídio doméstico, dada a característica de casos cometidos em maior proporção por contato físico direto, quando comparados com homicídios ocorridos na rua, e dos homicídios de mulheres serem cometidos, em maior proporção, em casa, enquanto os homicídios masculinos ocorrem, em sua maioria, em espaço público. Esta talvez seja a categoria mais desafiadora, pois nem todos os casos de feminicídio doméstico acontecem dentro do domicílio e nem todo homicídio de mulher ocorrido dentro de casa pode ser considerado feminicídio. De todo modo, a análise desta

categoria aponta caminhos importantes para o estudo do fenômeno que precisam ser percorridos. Para o enfrentamento da violência contra a mulher, além de dar visibilidade aos crimes, é fundamental a manutenção, a ampliação e o aprimoramento das redes de apoio à mulher, previstos na Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006), que viabilizam o atendimento e as alternativas de vidas para as mulheres. A rede de atendimento deve garantir o acompanhamento às vítimas e empenhar um papel importante na prevenção da violência contra a mulher. Além de ser assistida pelo sistema de justiça criminal, a mulher deve conseguir ter acesso à rede também por meio do sistema de saúde, já que em muitos casos as mulheres passam várias vezes por esse sistema antes de chegarem a uma delegacia ou a um juizado.

### **Homicídio de mulheres segundo a raça/cor**

As categorias de gênero e raça são fundamentais para entender a violência letal contra a mulher, que é, em última instância, resultado da produção e reprodução da iniquidade que permeia a sociedade brasileira. Desagregando-se a população feminina pela variável raça/cor, confirma-se um fenômeno já amplamente conhecido: considerando-se os dados de 2016, a taxa de homicídios é maior entre as mulheres negras (5,3) que entre as não negras (3,1) – a diferença é de 71%. Em relação aos dez anos da série, a taxa de homicídios para cada 100 mil mulheres negras aumentou 15,4%, enquanto que entre as não negras houve queda de 8%. Em vinte estados, a taxa de homicídios de mulheres negras cresceu no período compreendido entre 2006 e 2016, sendo que em doze deles o aumento foi maior que 50%. Comparando-se com a evolução das taxas de homicídio de mulheres não negras, neste caso, houve aumento em quinze estados e em apenas seis deles o aumento foi maior que 50%. É necessário desagregar a categoria não negra para compreender o fenômeno. Desse total, em números absolutos, catorze mulheres indígenas foram mortas em 2016 e não foi contabilizada nenhuma morte de mulher branca ou amarela, havendo um caso de cor/raça ignorada. Entre 2006 e 2016, o número de mulheres indígenas mortas foi 98. Estupro no Brasil, segundo os registros administrativos. Em 2016, foram registrados nas polícias brasileiras 49.497 casos de estupro, conforme informações disponibilizadas no 11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Nesse mesmo ano, no Sistema Único de Saúde foram registrados 22.918 incidentes dessa natureza, o que representa aproximadamente a metade dos casos notificados à polícia. Certamente, as duas bases de informações possuem uma grande subnotificação e não dão conta



da dimensão do problema, tendo em vista o tabu engendrado pela ideologia patriarcal, que faz com que as vítimas, em sua grande maioria, não reportem a qualquer autoridade o crime sofrido. Para colocar a questão sob uma perspectiva internacional, nos Estados Unidos, apenas 15% do total dos estupros são reportados à polícia. Caso a nossa taxa de subnotificação fosse igual à americana, ou, mais crível, girasse em torno de 90%, estaríamos falando de uma prevalência de estupro no Brasil entre 300 mil a 500 mil a cada ano.

(Trechos do Atlas da Violência 2018, IPEA e FBSP, págs 44 a 69).

## RODA: *Masculinidades*

*“A tarefa da reconstrução das masculinidades vai de mãos dadas com as transformações familiares, sociais e políticas propostas pelo feminismo, assegurando igualdade de gênero no futuro.”*

*(Hugo Cáceres Guinet)*

**Objetivo:** Debater e fomentar a desconstrução do modelo dominante de masculinidade, em diálogo com a luta das mulheres por uma sociedade mais igualitária, justa e fraterna. Sensibilizar para a luta pela vida das mulheres e a parceria do homem e da mulher contra todas as formas de violência.

(Ler previamente o artigo “Masculinidade e Violência”

(<https://papodehomem.com.br/masculinidade-e-violencia>) para trazer alguns dados e provocar o aprofundamento do debate.

**Ambientação:** Bíblia, aparelho de som, letras das músicas impressas, fita ou corda p/dinâmica.

**Acolhida:** Acolher todos e todas presentes, apresentar a proposta da roda de conversa. Motivar um abraço de acolhida entre os/as presentes.

Ouvir (e acompanhar a letra)

*Guerreiro Menino*, de Fagner:

*Um homem também chora*

*Menina morena*

*Também deseja colo*

*Palavras amenas*

*Precisa de carinho*

*Precisa de ternura*

*Precisa de um abraço*

*Da própria candura*

*Guerreiros são pessoas*

*São fortes, são frágeis*

*Guerreiros são meninos*

*No fundo do peito*

*Precisam de um descanso  
Precisam de um remanso  
Precisam de um sonho  
Que os tornem refeitos*

*É triste ver este homem  
Guerreiro menino  
Com a barra de seu tempo  
Por sobre seus ombros  
Eu vejo que ele berra  
Eu vejo que ele sangra  
A dor que traz no peito  
Pois ama e ama*

*Um homem se humilha  
Se castram seu sonho  
Seu sonho é sua vida  
E a vida é trabalho  
E sem o seu trabalho  
Um homem não tem honra  
E sem a sua honra  
Se morre, se mata  
Não dá pra ser feliz  
Não dá pra ser feliz*

**Para refletir:**

1. A partir dessa canção, o que podemos entender sobre masculinidade? O que significa ser homem?
2. De onde vêm e quais são as diferenças que definem o ser homem/masculino e o ser mulher/feminino na nossa sociedade?
3. Quais são as consequências dessas diferenças entre homens e mulheres? O que homens e mulheres ganham e perdem com essas diferenças?

**DINÂMICA: “Concordo e Discordo”**

Funciona assim: o local da roda é dividido ao meio por uma linha imaginária (pode-se usar uma fita ou corda para marcar a divisão). Será colocada no meio da linha uma frase/afirmação, de um lado da linha ficam as pessoas que concordarem com a frase e do outro lado aquelas que discordarem. Com o grupo dividido, os dois lados

podem argumentar sua posição e as pessoas podem inclusive mudar de lado se mudarem de opinião. Debatida uma frase, coloca-se outra e a dinâmica segue. E cada frase/debate, o/a facilitador/a pode ir pontuando, trazendo dados e provocando a reflexão mais crítica sobre.

Algumas sugestões de frases:

“Todo homem é machista.”

“Homem que é homem tem que ‘pegar’ todas, não fica com uma só.”

“Se a mulher enganou ou desrespeitou o marido, merece apanhar.”

“A mulher quando fala ‘Não’ está fazendo charme, ela quer mesmo que o cara ‘chegue junto’.”

“Não são todas, mas tem mulher que gosta de apanhar!”

### **Iluminação bíblica:**

Evangelho de São Marcos 14, 1-9

A partir do debate, somos provocados/as a perceber a necessidade de (re)construir outras masculinidades, outros modos de ser homem, sem violência, com respeito e igualdade entre homens e mulheres. O modelo maior para isso está no próprio Jesus, que nos mostra como recriar nossas relações.

Olhando para vida de Jesus e para as relações que construiu, a partir da leitura que foi proclamada, vamos conversar:

1. Qual o modelo de masculinidade em Jesus? Como Ele era como homem? Como se relacionava com as pessoas, especialmente com as mulheres?
2. Como essa masculinidade de Jesus se diferencia do modelo dominante e machista de masculinidade em nossa sociedade?
3. Que caminhos Jesus aponta para que nós possamos viver masculinidades diferentes, em diálogo com a luta das mulheres por uma sociedade mais igualitária, justa e fraterna?

Para iluminar esse debate, recomendamos a leitura prévia do texto “A masculinidade de Jesus, perspectivas atuais”, do religioso Hugo Cáceres Guinet

(Fonte: Agenda Latino-americana 2018, p. 142-143

<http://latinoamericana.org/digital/2018AgendaLatino-americana.pdf>).

**MÚSICA:** "Super-Homem, a canção", de Gilberto Gil

*Um dia  
Vivi a ilusão de que ser homem bastaria  
Que o mundo masculino tudo me daria  
Do que eu quisesse ter*

*Que nada,  
Minha porção mulher que até então se resguardara  
É a porção melhor que trago em mim agora  
É o que me faz viver*

*Quem dera  
Pudesse todo homem compreender, oh, mãe, quem dera  
Ser o verão o apogeu da primavera  
E só por ela ser*

*Quem sabe  
O Super-homem venha nos restituir a glória  
Mudando como um deus o curso da história  
Por causa da mulher*

**Oração final**

Rezemos juntos e juntas a oração oficial da Campanha.  
(Encontra-se nas páginas iniciais do subsídio)

## RODA:

### *Pela vida das companheiras: é tempo de lutar por nossos direitos!*

*“Há tempo para todo propósito debaixo do céu: [...] tempo de semear e tempo de colher.”*

*Ec, 3, 1-2*

**OBJETIVO:** Segundo o livro de Eclesiastes, há tempo para todas as coisas de baixo do céu, nesse contexto, a partir da Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência Contra a Mulher, em nossos grupos de base, de norte a sul do país, é tempo de semear novas relações que prezem pela vida de todas as pessoas, especialmente as mulheres. Nesse sentido, nesta roda de conversa, a partir do contexto do livro de Rute, vamos refletir o que podemos fazer enquanto juventude, para encontrar a felicidade plena às mulheres assim como fez Rute, na companhia de Noemi. Elas lutaram pelos seus direitos.

**Ambientação:** Se possível, realizar este momento orante em um local simbólico para seu grupo/coordenação, um local onde possam sentir-se em “casa”, na sua terra. Bíblia, imagens de mulheres protagonistas, tecidos de ornamentação como também elementos que o grupo já utiliza, trigo, vela. Junto com uma bandeira da PJ e um pote que depois será utilizado para recolher um pouco de terra. Podem ser colocadas imagens de mulheres que são referências de luta para os integrantes do grupo. cartazes com as seguintes frases:

*“Houve fome na Terra”*

*“ Voltaram para a Terra de Judá (Belém)”*

*“Busca pela felicidade”*

*“Do que a PJ tem fome, no contexto de violência contra as mulheres que observamos?”*

*“Para onde a PJ precisa voltar/olhar para enfrentar os ciclos?”*

*“Como buscamos a felicidade plena?”*

**Acolhida:** Acolher todos e todas presentes, apresentar a proposta da roda de conversa. Motivar um abraço de acolhida entre os/as presentes. Cantar junto com o grupo a música a seguir:

Elas estão chegando

*Elas estão chegando  
pelas portas e janelas,  
Avenidas e vielas.  
Elas estão chegando.*

*Chegando como um vento forte,  
chegando com vida e norte,  
chegando para questionar,  
chegando pra mudar.*

*Chegando sempre com doçura,  
chegando pra juntar forças,  
chegando para encantar,  
chegando para alegrar.*

*Chegando para sarar as juntas,  
chegando pra juntar as forças,  
chegando para construir,  
chegando para prosseguir.*

*Chegando para questionar,  
chegando pra mudar,  
chegando para encantar,  
chegando para alegrar.*

*(Valdomiro de Oliveira / Marcos Gianelli / Francisco Esvael)*

Pode-se cantar também:

Cio da Terra (Pedir para que as/os participantes possam ir sentindo o local em que estão. Se for propício pedir que cada um/a tire os sapatos, sinta o local que pisa e partilhe o que vê/sente, quais memórias traz deste local).

## **DINÂMICA**

### **Iluminação bíblica:**

Livro de Rute - pode ser encenado, contado ou lido  
Ler o texto de Rute. Sugerimos que a leitura do texto seja realizada desta forma, mas caso você ou o grupo possa e haja necessidade podem ser explorados outros pontos da leitura. No anexo 1 há um modelo de Leitura Orante da Bíblia, que pode ser adotado para a metodologia deste momento. No anexo 2 há um texto que pode ajudar a refletir, destacando alguns elementos do livro de Rute. Nesses três trechos há muitas interpretações possíveis, mas nos tocou 3 pontos essenciais que estão destacados nessa sequência: Nosso convite é de que vocês possam refletir sobre a Campanha Nacional

de Enfrentamento aos Ciclos de Violência Contra a Mulher a partir dessas perspectivas, nos respondendo:

1 - Do que a PJ tem fome, no contexto de violência contra as mulheres que observamos?"

2 - Para onde a PJ precisa voltar/olhar para enfrentar os ciclos?"

3 - Como buscamos a felicidade plena?"

Finalizando o momento. Depois de feita a leitura e reflexão do livro de Rute tente responder para si ou escrever as respostas das perguntas acima. Pense ou peça para cada pessoa presente pensar em algo que quer semear, para enfrentar os ciclos de violência no mundo, para que possa depois colher. Depois recolha um pouco de terra do local onde está.

**Motivação:** A terra é importante para o processo da vida das pessoas: o alimento, a moradia, a dignidade... A terra é o que faz com que elas se movimentem em busca pela felicidade. Rute e Noemi fizeram do desejo pela terra, pelo lar, uma escolha para a felicidade. Elas protagonizaram e foram atrás de seus direitos [respiga e lei do resgate]. Em Rute é evidenciada a capacidade organizativa das mulheres. Quando nos unimos e organizamos, somos mais fortes na luta pela busca de nossos direitos. Rute e Noemi também evidenciam a fidelidade e o amor um para com a outra (sororidade), fazendo-nos refletir a partir de uma realidade em que, muitas vezes, as mulheres são vistas como rivais umas das outras. Elas, sendo nora e sogra, amam-se e fazem opção radical pela lealdade. Como enxergamos as mulheres de nossa convivência hoje? Como elas são? Como tratamos as mulheres pobres, negras, transexuais? O que a voz de Rute nos diz em relação à luta por direitos? Devemos seguir o exemplo de Rute e Noemi, lutando pelos nossos direitos enquanto mulheres e cuidando umas das outras.

**Despedida:** A experiência de Rute e Noemi nos revelam um Deus que olha para as pessoas através das relações de cuidado que fazemos. Sua experiência é permeada de gestos de acolhida, de insistência, de humanidade. Para finalizar, leia a poesia (se o momento for feito em grupo peça que os/as participantes do encontro se abracem enquanto se lê/declama a poesia):

*"Deixa-me ir com você. Fico do seu lado, mulher companheira de mulher. Porque são muitas as fomes e nem há homens: deixa-me ir*

*com você! Encosto minha juventude na amarga velhice dos seus dias. Porque são poucos os caminhos e não há futuro: deixa-me ir com você! Colho o resto do resto do que sobra, no campo dos outros, o que era seu. Porque é tão grande a injustiça e não há lei: deixa-me ir com você! Visto-me com roupa de festa, perfume do que eu não devia. Porque este corpo é o valor que nos resta e não há mais vergonha ou pudor: deixa-me ir com você! Deito-me aos pés desse homem. E faço o que ele me disser pra fazer. Porque a noite é de vinho e não há mais o que temer: deixa-me ir com você! Tomo posse do homem e do filho e devolvo tudo aquilo que é seu. Eu sou Rute e você Noemi. Onde você for vou também. Sua casa é também minha casa. Nosso povo. Nosso Deus. Deixa-me ficar com você!"*

*Nancy Cardoso Pereira*

### **Oração final:**

#### LADAINHA BÍBLICA DA MULHER

EVA nos dê a força para escolher a vida e conservá-la

SARA nos transmita a sua fé no impossível

AGAR nos ensine a rezar para sairmos da escravidão.

TODAS: Venham caminhar conosco!

REBECA nos ajude a vencer a opressão

MIRIAM nos dê sua voz profética para salvar.

TODAS: Venham caminhar conosco!

DEBORA nos desperte a resistência na luta nos momentos de conflitos.

RUTE nos encha de solidariedade para com as mulheres que sofrem

TODAS: Venham caminhar conosco!

ANA partilhe sua audácia para gerar vidas

JUDITE nos anime a participar da libertação de nosso povo.

TODAS: Venham caminhar conosco!

ESTER nos ensine a lutar pela justiça

MARIA DE NAZARÉ nos ajude a ter atitudes proféticas em defesa dos pobres.

TODAS: Venham caminhar conosco!

ISABEL nos ajude a reconhecer os dons das mulheres

SAMARITANA nos ensine a dialogar em encontrar com Jesus

TODAS: Venham caminhar conosco!

MADALENA nos dê a alegria para anunciar a ressurreição no meio da morte

MARTA nos ajude a expressar a fé como discípula de Jesus

TODAS: Venham caminhar conosco!

CANANEIA nos transmita a sua valentia para vencer as próprias opressões

PRISCILA nos ensine a anunciar o Evangelho nas diversidades.

TODAS: Venham caminhar conosco!

### **Ave Maria.**

#### **Ciranda:**

A força desta ciranda não está exatamente nela mesma. A força desta ciranda irrompe quando todos, homens e mulheres, dão as mãos e, em roda, entoam junt@s a canção, com as mãos unidas, pois ninguém solta a mão de ninguém ao cirandar, cantando todos/todas juntos/juntas:

“Companheira me ajuda que eu não posso andar só

Eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor”

**ANEXO 1:** DELAZARI, Neusa Maria. A resistência de Rute e das mulheres. São Leopoldo: CEBl, 2017.

## RODA:

### *Modos de enfrentamento - Experiências e Transformação da violência*

*“Todas as manhãs junto ao nascente dia  
ouço a minha voz-banzo,  
âncora dos navios de nossa memória.  
E acredito, acredito sim  
que os nossos sonhos protegidos  
pelos lençóis da noite  
ao se abrirem um a um  
no varal de um novo tempo  
escorrem as nossas lágrimas  
fertilizando toda a terra  
onde negras sementes resistem  
reamanhecendo esperanças em nós.”  
(Conceição Evaristo, escritora brasileira)*

**Objetivo:** Motivar que é possível superar a violência, a partir de nossas vivências e lutas, bem como apontar novos caminhos para a Civilização do Amor.

**Ambientação:** Tecidos coloridos, flores, instrumentos musicais, bíblia. Bandeira da PJ ao centro. Elementos produzidos pelo grupo em outros encontros que tiveram a temática sobre as mulheres como cartazes, faixas, estandartes, dentre outros. Podem utilizar trechos dos poemas do encontro no espaço.

**Acolhida:** Acolher todos e todas presentes com o trecho abaixo da música “Irá chegar”. Entregar uma semente para cada um/a que for chegando.

*“Na nova terra a mulher terá direitos. Não  
Sofrerá humilhações e preconceitos. O  
Seu trabalho todos irão valorizar, das  
Decisões ela irá participar  
Irá chegar um novo dia.  
Um novo céu, uma nova terra,  
Um novo mar.  
E nesse dia, as oprimidas,*

*“A uma só voz, a liberdade, irão cantar.”*

Quando todos (as) estiverem acomodados(as), um jovem e uma jovem declamam o seguinte poema:

“Aqui outro mundo é possível, se a gente quiser...

Caminhando nessa estrada, ninguém solta a mão de ninguém.

Construir um novo céu, uma nova terra, homens novos, mulheres novas. É possível, se a gente quiser.

Com humildade, sororidade e igualdade. Provocados pelos passos do sempre jovem de Nazaré.

Outro mundo é sim possível. Há quem só vê machismo, violência, misoginia e exclusão,

Mas aqui, ah... Companheiro/a! Aqui a gente vê amor, vê ternura, luta, resistência, afeto e sinais de uma nova civilização!

Outro mundo é possível, se a gente quiser”.

**Animador (a):** Companheiros e companheiras, Pjoteiros e Pjoteiras, bem-vindos à nossa roda de conversa, ao nosso espaço de alimentar a esperança! Nós já fizemos um caminho longo e necessário até aqui. Já sentimos nas rodas passadas o quanto a sociedade nos rodeia com sinais de violência, dor e morte de nossa juventude, de nossas meninas e mulheres. Hoje nós somos provocados a pensarmos: “E eu? Enquanto jovem, cristão, Pastoral da Juventude? Qual o meu papel e minha responsabilidade diante de todos esses cenários que já foram mostrados”?

(Todos são convidados a colocarem as sandálias no centro, junto às bandeiras da PJ enquanto canta-se o refrão: Desamarrem as sandálias e descansem, esse chão é terra santa, irmãos meus. Venham, orem, comam, cantem e renovem a esperança no Senhor...)

**Animador (a):** É preciso que desamarremos as sandálias. É preciso nos despir de todos os nossos preconceitos, padrões e do machismo que é tão enraizado em cada um/a de nós. É preciso nos desconstruir todos os dias para então dar espaço ao homem novo e à mulher nova.

**Iluminação bíblica:**

Evangelho de São Mateus 13, 31-32

**Para refletir:**

1. Que sementes temos plantado? Temos plantado sementes boas ou ruins?
2. O que a leitura nos inspira?
3. Como podemos plantar sementes de esperança diante dos sinais de morte que nos cercam?

Convidar os participantes a “plantarem” sobre a bandeira da PJ as sementes que eles receberam na acolhida, pedindo que cada um expresse do que quer ser semente.

- semente de escuta para as mulheres vítima de violência?
- semente de nova masculinidade?
- semente de acolhida e afeto?

**Animador (a):** A civilização do amor constrói-se aos poucos e floresce nas sementes teimosas que ousam furar os asfaltos de um mundo chagado pela violência, exclusão e machismo de cada dia. Que tal refletirmos como podemos intervir diante das situações de violência que encontramos?

- Trazer as sessões e eixos de propostas concretas presentes na cartilha.  
Ler e discutir páginas 18,19 e 20: *O que nós, mulheres e homens, podemos e devemos ir fazendo juntos?*

Música: Participando sem medo de ser mulher

Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer  
Participando sem medo de ser Mulher.

Por que a luta não é só dos companheiros  
Participando sem medo de ser mulher  
Pisando firme sem medir nenhum segredo  
Participando sem medo de ser mulher.

Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer  
Participando sem medo de ser Mulher.

Pois sem mulher a luta vai pela metade  
Participando sem medo de ser mulher  
Fortalecendo os movimentos populares  
Participando sem medo de ser mulher.

Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer  
Participando sem medo de ser Mulher.

## **Preces espontâneas**

### **Oração final:**

Duas mulheres declamam o poema:

Eu vejo margaridas

Eu vejo Margaridas!

*Eu vejo margaridas rompendo o chão árido de uma sociedade  
marcada por um patriarcalismo cruel.*

*Vejo Margaridas que além de delicadas, cheias de essência e  
beleza, são fortes, resistentes e corajosas,*

*Meus olhos emocionam-se quando veem ao longe, um exército de  
flores quebrando correntes,*

*Sinto a primavera no coração de todas as mulheres que tiraram as  
mordaças e estão fazendo seu grito ecoar por entre os muros dessas  
cidades marcadas pela violência, exclusão e machismo de cada dia.*

*Eu vejo rosas que já não choram mais de medo,*

*Que já não temem se vestir como querem,*

*Que já não hesitam em expressar-se como verdadeiramente são,*

*Eu tenho visto margaridas destruindo gaiolas e enterrando  
preconceitos,*

*Vejo pétalas rasgando silêncios e denunciando abusos*

*Vejo margaridas perdendo o medo de serem mulheres,*

*Vejo margaridas resistindo a todas as estações.*

*Um novo perfume está no ar. É o cheiro de todas as companheiras  
que se libertam dia a dia das amarras dos padrões de beleza.*

*É a essência de mulheres que já não temem andar de braços dados,  
porque estão compreendendo que não são rivais.*

*E eu, acredito nessas margaridas.*

*Acredito nas sementes lançadas na terra*

*Acredito na luta da gente.*

*Por isso, tire seu machismo do meio, que mais margaridas querem  
nascem.*

*E floresceremos, porque não temos mais medo, porque estamos  
juntas, porque a primavera já exala feminismo!*

(Michelle Gonçalves)

**Benção:**

Todos rezam juntos a “Oração da Causa da Mulher”:

Deus da vida e do amor,  
Pai-Mãe da família humana,  
Que quisestes que vosso filho nascesse de uma mulher e que fizesse  
das mulheres companheiras de sua caminhada e testemunhas  
primeiras de sua ressurreição:  
Ensinai à humanidade inteira a superar toda discriminação e  
violência  
A conviver em igualdade de direitos e em harmonia de  
complementação  
Mulheres e homens, sendo filhas e filhos vossos, sendo irmãos e irmãs  
de uma família só. Por vosso filho, Jesus Cristo, Filho de Maria de  
Nazaré, Nosso irmão, o Libertador.  
Amém, Axé, Awerê, Aleluia!

**Ciranda:**

“Irá chegar um novo dia  
Um novo céu, uma nova terra, um novo mar  
E nesse dia as oprimidas  
A uma só voz a liberdade irão cantar. ”

## IO. COMO APROFUNDAR O DEBATE?

Nesta seção listamos uma série de Links úteis onde encontramos pesquisas e publicações diversas com conteúdo e referências para aprofundar o estudo e debate acerca dos temas abordados pela Campanha.

### Indicações de livros e textos:

#### *Violência Contra as Mulheres*

SAFFIOTI, Heleieth (1987). O poder do macho. São Paulo: Moderna. Coleção Polêmica Disponível em: <http://biblioteca-feminista.blogspot.com/2016/04/heleieth-saffioti-o-poder-do-macho.html>

SAFFIOTI, H. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. Disponível em: [https://www.dropbox.com/s/s7deuww5dd4n3jn/Genero-Patriarcado-Violencia-Saffioti\\_LivroCompleto.pdf?dl=0](https://www.dropbox.com/s/s7deuww5dd4n3jn/Genero-Patriarcado-Violencia-Saffioti_LivroCompleto.pdf?dl=0)

TELES, Maria Amélia de A. e MELO, Mônica de. O que é violência contra Mulher. São Paulo: Brasiliense, 2002.

Saffioti, H. I. B. (1999). Já se mete a colher em briga de marido e mulher. São Paulo em Perspectiva, 13 (4), 82- 91. Disponível em: [http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2012/08/SAFFIOTI\\_Embrigademaridoemulher1999.pdf](http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2012/08/SAFFIOTI_Embrigademaridoemulher1999.pdf)

#### *Feminismos*

ADICHE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todas Feministas*. Tradução: Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras. 2015. Disponível em: <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/7771/material/LIVRO%20Sejamos-Todos-Feministas.pdf>

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do Feminismo Negro -Disponível em: [https://img.travessa.com.br/capitulo/COMPANHIA DAS LETRAS/QUEM\\_TEM\\_MEDO\\_DO\\_FEMINISMO\\_NEGRO-9788535931136.pdf](https://img.travessa.com.br/capitulo/COMPANHIA DAS LETRAS/QUEM_TEM_MEDO_DO_FEMINISMO_NEGRO-9788535931136.pdf)

TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1993. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4220349/mod\\_resource/content/1/TELES%2C%20Maria%20Am%C3%A9lia.%20Breve%20hist%C3%B3ria%20do%20feminismo%20no%20Brasil.%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4220349/mod_resource/content/1/TELES%2C%20Maria%20Am%C3%A9lia.%20Breve%20hist%C3%B3ria%20do%20feminismo%20no%20Brasil.%20%281%29.pdf)

GARCIA, Carla Cristina. Breve história do Feminismo. São Paulo: Claridade.2011.

HIRATA. Helena, et al (orgs.). Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: UNESP, 2009. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod\\_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario%20critico%20do%20feminismo%202009.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario%20critico%20do%20feminismo%202009.pdf)

### *Masculinidades:*

RIBEIRO, Alan Augusto Moraes Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2015/11/Homens-negros-Negro-homem-para-discutir-masculinidades-negras-na-escola AlanRibeiro.pdf>

CONNELL, Robert William; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, 21 (1), p. 241-282, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650>

### *Cartilhas:*

As Marias Em: Maria da Penha vai às escolas! Disponível em: <http://www2.educacao.mg.gov.br/images/documentos/GIBI Lei Maria da Penha ATUALIZADO.pdf>

Mulheres em Luta Por uma vida sem Violência disponível em: <http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2015/12/Cartilha-Viol%C3%Aancia-web.pdf>

Cartilha Lei Maria da Penha - Perguntas e Respostas: <https://www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/publicacoes/cartilha-lei-maria-da-penha-perguntas-e-respostas>

### *Pesquisas:*

Violência contra Mulher: O jovem está ligado? Disponível em: [http://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/wp-content/uploads/2015/07/DATAPOPULAR\\_AVON\\_violenciajovens.pdf](http://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/wp-content/uploads/2015/07/DATAPOPULAR_AVON_violenciajovens.pdf)

Como o Machismo e a Violência contra s Mulheres afetam a vida das jovens da Classe C, D e E? Disponível em: [http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2015/06/ENOIS\\_meninapodetudo2015.pdf](http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2015/06/ENOIS_meninapodetudo2015.pdf)

Mapa da Violência: Homicídios de Mulheres no Brasil. Disponível em: [https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf)

Percepções e Comportamentos sobre violência sexual no Brasil. Disponível em: [https://agenciapatriciagalvao.org.br/wpcontent/uploads/2016/12/Pesquisa\\_ViolenciaSexual\\_2016.pdf](https://agenciapatriciagalvao.org.br/wpcontent/uploads/2016/12/Pesquisa_ViolenciaSexual_2016.pdf)

PESQUISA IBOPE; INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. *Percepção e reações da sociedade sobre a violência contra a mulher.* Disponível em: [https://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2009/08/pesq\\_ibope\\_2006.pdf](https://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2009/08/pesq_ibope_2006.pdf)

### **Indicações de blogs e sites:**

#### *Jornalístico:*

Agência Patrícia Galvão: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/>

Blogueiras Negras: <http://blogueirasnegras.org/>

Blogueiras Feministas: <https://blogueirasfeministas.com/>

### *Movimentos, Institutos e Organizações:*

Instituto Maria da Penha/Relógios da violência:  
<http://www.relogiosdaviolencia.com.br/#>

Mapa de Coletivos de Mulheres: <http://www.mamu.net.br/>

Olga (Ong feminista): [thinkolga.com](http://thinkolga.com)

Coletivo Feminista: Sexualidade e Saúde: <http://mulheres.org.br/>

Instituto da Mulher Negra: <https://www.geledes.org.br/>

Sempreviva Organização Feminista: <http://www.sof.org.br/>

Católicas Pelo Direito de Decidir: <http://www.catolicasonline.org.br/>

Observatório Brasil de Igualdade de Gênero:  
<http://www.observatoriodegenero.gov.br/>

ONU Mulheres Brasil: <http://www.onumulheres.org.br/>

### *Governamental:*

Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres: <http://www.spm.gov.br/assuntos/violencia>

Campanha Compromisso e Atitude "Lei Maria da Penha":  
<http://www.compromissoeatitude.org.br/>

### *Pastoral:*

Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos – CEBI: <https://www.cebi.org.br/>  
Pastoral da Juventude Nacional: <http://www.pj.org.br/>

### *Marcos legais e Legislação:*

Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher "Convenção de Belém do Pará" (1994):  
[http://www.unfpa.org.br/Arquivos/convencao\\_belem\\_do\\_para.pdf](http://www.unfpa.org.br/Arquivos/convencao_belem_do_para.pdf)

**CONVENÇÃO SOBRE A ELIMINAÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE  
DISCRIMINAÇÃO CONTRA A MULHER:**

[http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/convencao\\_cedaw1.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/convencao_cedaw1.pdf)

**Lei Maria da Penha e Legislação correlata:**

<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/496319/000925795.pdf>

**Lei do Femicídio:**

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm)

*Sobre Masculinidades:*

**Papo de Homem:** <https://papodehomem.com.br/>

**Homens pelo fim da Violência contra Mulher:**

<http://lacobrancobrasil.blogspot.com/>

**Flávio Urra:** <https://flaviourra.wordpress.com/masculinidade/>

**Seminário Internacional Fazendo Gênero:**

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/>

## **Indicações de filmes e documentários**

(Recomenda-se que as coordenações assistam o filme/documentário antes das atividades com os grupos.)

**As sufragistas** (Reino Unido - 2015)

**Estrelas além do tempo** (EUA - 2016)

**Grandes olhos** (EUA - 2014)

**A Fonte das Mulheres** (França-2012)

**O Silêncio das Inocentes** (Brasil- 2010)

**#Meninapodetudo** (Brasil-2015)

**Preciosa: Uma história de Esperança** (EUA-2010)

**Cidade do Silêncio** (EUA- 2006)

**Amor?** (Brasil- 2011)

**Vidas Partidas** (Brasil - 2016)

**Colcha de Retalhos** (EUA- 1995)

**O Sorriso de Monalisa** (EUA-2004)

**A Vida Secreta das Abelhas** (EUA- 2009)

**Um Céu de Estrelas** (Brasil- 1996)

**No devagar depressa dos tempos** (Brasil- 2014)

**Feminicídio no Brasil** (Brasil- 2015)

**Hot Girls Wanted** ( 2015)

**Paulina** (Argentina-2016)

**Reacciona Ecuador: el machismo, es violencia** (Equador-2009)

## II. COMO DIVULGAR?

### Cartaz Oficial da Campanha

**CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

**PELA VIDA DAS COMPANHEIRAS**

**REALIZAÇÃO:** **WWW.PJ.ORG.BR**

**LIGUE 180**  
Central de Atendimento à Mulher

Loirena Lima  
24 anos  
Feminicídio. O acusado era ingulino da família e a assediava constantemente.

Dayane Givnetty  
27 anos  
Tentativa de assassinato.

Regina (nome fictício)  
26 anos  
Violência doméstica.

Patrícia D. (nome fictício)  
28 anos  
Estupro.

Bárbara Richardelle  
18 anos  
Assassinada, pelo ex-namorado, após fotos sensuais vazarem na internet.

Milena Abreu de Moura  
44 anos  
Tentativa de feminicídio pelo ex-namorado com um facão.

Ana Clara Cabral  
19 anos  
Assassinada a tiros. Namorado PM é o principal suspeito.

Andréia M. (nome fictício)  
23 anos  
Abuso sexual na infância.

Jessica Trianoski  
26 anos  
Feminicídio.

Cláudia da Silva  
35 anos  
Levou um tiro e foi arrastada por um carro da PMRG por 350 metros.

Patrícia Koike  
20 anos  
Assassinada por astúxia pelo namorado.

Carla Fernandes  
20 anos  
Assassinada a tiros pelo ex-namorado.

Jessica Trianoski  
26 anos  
Feminicídio.

Vilma Maria da Costa  
42 anos  
Feminicídio. Assassinada pelo ex-namorado.

Nelly Venite de Souza  
27 anos  
Feminicídio.

Maria C. (nome fictício)  
32 anos  
Tentativa de estupro pelo avô.

Dayane Givnetty  
27 anos  
Tentativa de assassinato.

Regina (nome fictício)  
26 anos  
Violência doméstica.

Patrícia D. (nome fictício)  
28 anos  
Estupro.

Bárbara Richardelle  
18 anos  
Assassinada, pelo ex-namorado, após fotos sensuais vazarem na internet.

Milena Abreu de Moura  
44 anos  
Tentativa de feminicídio pelo ex-namorado com um facão.

Ana Clara Cabral  
19 anos  
Assassinada a tiros. Namorado PM é o principal suspeito.

Andréia M. (nome fictício)  
23 anos  
Abuso sexual na infância.

Jessica Trianoski  
26 anos  
Feminicídio.

Cláudia da Silva  
35 anos  
Levou um tiro e foi arrastada por um carro da PMRG por 350 metros.

Patrícia Koike  
20 anos  
Assassinada por astúxia pelo namorado.

Carla Fernandes  
20 anos  
Assassinada a tiros pelo ex-namorado.

Maria C. (nome fictício)  
32 anos  
Tentativa de estupro pelo avô.

Dayane Givnetty  
27 anos  
Tentativa de assassinato.

Regina (nome fictício)  
26 anos  
Violência doméstica.

Patrícia D. (nome fictício)  
28 anos  
Estupro.

Bárbara Richardelle  
18 anos  
Assassinada, pelo ex-namorado, após fotos sensuais vazarem na internet.

Milena Abreu de Moura  
44 anos  
Tentativa de feminicídio pelo ex-namorado com um facão.

Ana Clara Cabral  
19 anos  
Assassinada a tiros. Namorado PM é o principal suspeito.

Andréia M. (nome fictício)  
23 anos  
Abuso sexual na infância.

Jessica Trianoski  
26 anos  
Feminicídio.

Cláudia da Silva  
35 anos  
Levou um tiro e foi arrastada por um carro da PMRG por 350 metros.

Patrícia Koike  
20 anos  
Assassinada por astúxia pelo namorado.

Carla Fernandes  
20 anos  
Assassinada a tiros pelo ex-namorado.

Denise Stella  
31 anos  
Assassinada pelo amante por não querer abortar.

Chacina de Campinas, 2016  
12 mortos, 9 mulheres

Carla Fernandes  
20 anos  
Assassinada a tiros pelo ex-namorado.

Maria C. (nome fictício)  
32 anos  
Tentativa de estupro pelo avô.

Louise Ribeiro  
20 anos  
Assassinada por envenenamento e queimada.

Denise Stella  
31 anos  
Assassinada pelo amante por não querer abortar.

Chacina de Campinas, 2016  
12 mortos, 9 mulheres  
Vingança e crime de ódio contra mulheres.

Vilma Maria da Costa  
42 anos  
Feminicídio. Assassinada pelo ex-namorado.

Nelly Cristina Venite de Souza  
27 anos  
Feminicídio. Assassinada com 16 facadas. Namorado é o principal suspeito.

Milena Dias  
10 anos  
Estuprada e assassinada.

Vasti Stóffel Paula  
34 anos  
Assassinada tentando proteger o namorado.

Maria C. (nome fictício)  
32 anos  
Tentativa de estupro pelo avô.

Marielle Franco  
38 anos  
Vereadora assassinada, a principal hipótese é pelas denúncias das milícias.

Andréia M. (nome fictício)  
23 anos  
Abuso sexual na infância.

Jessica Trianoski  
26 anos  
Feminicídio.

Cláudia da Silva  
35 anos  
Levou um tiro e foi arrastada por um carro da PMRG por 350 metros.

Patrícia Koike  
20 anos  
Assassinada por astúxia pelo namorado.

Carla Fernandes  
20 anos  
Assassinada a tiros pelo ex-namorado.

Todas as informações e conteúdos da Campanha você pode acessar pelo site oficial da PJ: [pj.org.br](http://pj.org.br)

**Facebook:** Pastoral da Juventude Nacional

**Instagram:** @pjnacional

**Twitter:** @pjnacional